

**O  
CIRCO  
DAS  
QUALIDADES HUMANAS**

**longa-metragem**

---

**ARGUMENTOS DAS NARRATIVAS**

---

**GERALDO VELOSO**

**JORGE MORENO**

**MILTON ALENCAR**

**PAULO AUGUSTO GOMES**

---

**ROTEIRO**

---

**CUNHA DE LEIRADELLA**

---

**PRODUÇÃO**

---

**F A M cine, vídeo e idéias**  
**Rua Safira, 544**  
**30410-100 - Belo Horizonte - MG.**  
**Tel: 3371.1783**

---

**FILMADO NA CIDADE DE CONGONHAS**  
**09 DE NOVEMBRO A 18 DE DEZEMBRO DE 1998**

---

## NOTA PRELIMINAR

***O CIRCO DAS QUALIDADES HUMANAS*** é um filme definido por uma estética própria e uma linguagem específica. Ao invés de concentrar-se num único fio condutor, alicerça-se em quatro narrativas: ***A Procura***, ***A Viagem***, ***A Caçada*** e ***O Encontro***, possuindo, cada uma delas, o seu próprio tema, a sua própria linguagem e os seus próprios personagens.

Dentro do que se poderia chamar de módulo comum de cinema ***O CIRCO DAS QUALIDADE HUMANAS*** seria um filme de episódios. Mas não é um filme de episódios. Nenhuma das narrativas é formatada como se fosse apenas um bloco. Pelo contrário, todas elas participam e são partes integrantes da narrativa geral.

Ao invés de estanques e de contarem, somente, a sua estória, todas se entrelaçam e interligam. E são, justamente, esses entrelaces e essas interligações que dão forma e conteúdo ao todo da narração. Os personagens, embora cada um tenha o seu próprio tema e viva a sua própria estória, se interligam e inter-relacionam, e todos formam e participam do contexto da narrativa geral.

A especificidade da estética e da linguagem de ***O CIRCO DAS QUALIDADES HUMANAS*** baseia-se na sua própria estrutura de concepção. Apesar de nenhuma das narrativas ser estanque e todas se entrelaçarem e interligarem, o filme será dirigido por quatro diretores. Cada um utilizando a sua própria estética e a sua própria linguagem. Assim, o que delimitará cada narrativa será a criação pessoal de cada diretor.

As seqüências comuns, isto é, aquelas em que atuam personagens de duas ou mais narrativas, serão dirigidas pelo diretor cujo personagem protagoniza a seqüência. Exemplos: a seqüência 16 será dirigida pelo diretor da narrativa ***O Encontro***, a seqüência 26 será dirigida pelo diretor da narrativa ***A Caçada***, a seqüência 29 será dirigida pelo diretor da narrativa ***A Procura***, a seqüência 33 será dirigida pelo diretor da narrativa ***A Viagem***, e assim sucessivamente.

A realidade é o que é. Imutável e una em si mesma. Por isso, o que individualiza o ser humano não é a sua essência. É a sua condição de relativizar a realidade que o cerca. Um mendigo que pede esmola numa esquina ou uma nuvem que passa no horizonte são sempre um mendigo e uma nuvem. Mas têm significados diferentes, de acordo com a visão de cada um.

E é, justamente, esta visão individualizada que ***O CIRCO DAS QUALIDADES HUMANAS*** mostra com a sua interpolação de estéticas e de linguagens, que faz dele um filme sui generis e o transforma numa nova linguagem cinematográfica.

# **NARRATIVAS**

## **A procura**

José Ulysses de Almeida encontra-se em profunda crise existencial. Na esperança de, pelo menos, minimizar a depressão, resolve passar uns dias em Congonhas, cidade onde nasceu e onde ainda tem parentes e amigos. Em Congonhas, supervisionando fotos para a revista onde trabalha, Ulysses encontra Maria Germana e mergulha no relacionamento que ela lhe oferece. Mas não tem contrapartida. Para Maria Germana vale apenas o sexo e Ulysses sente-se, cada vez mais, um estrangeiro. Maria Germana parte para São Paulo e Ulysses, perdido, encontra, por acaso, uma desconhecida que lhe oferece uma carona. Ulysses aceita, indiferente. Mas, para seu espanto, a estrada de volta ao Rio de Janeiro se transforma e já não é a mesma que o levou a Congonhas.

## **A viagem**

Saído de mais uma internação psiquiátrica em Belo Horizonte, Bosco retorna a Congonhas. Mas, incapaz de se integrar no ambiente familiar, fecha-se, cada vez mais, no seu mundo circular e sem saída. Depois de passar a noite vagueando pelas ruas, Bosco chega em casa e mergulha, de vez, no último dos seus delírios.

## **A caçada**

Carioca e Preto, traficantes do Rio de Janeiro, chegam a Congonhas para ajustar contas com Chicão, ex-policial carioca, agora aposentado e casado na cidade. Não conhecem Congonhas e o Bar do Campo é o seu único ponto de referência. E lá esperam Chicão que, surpreendido e rendido, pede, apenas, que o deixem despedir-se da mulher e do filho. Em casa, Chicão consegue pegar um revólver e escondê-lo. E quando a viagem do ajuste se inicia, inicia-se também um novo jogo: alguém vai morrer naquela madrugada, só que nenhum dos três admite ser a vítima.

## **O encontro**

Eduardo da Cunha Júnior vem de São Paulo, contratado pela Açominas para fazer uma consultoria técnica. E chega a Congonhas como sempre chegou a qualquer outro lugar. Com a certeza de realizar um bom trabalho e a regressar. Mas, desta vez, nem o trabalho termina, nem Eduardo regressa. Numa ruela, de noite, aparece Helena, rodeada de encantos e segredos, e Eduardo perde-se nos seus mistérios.

## PERSONAGENS

(ordem alfabética)

Anfitrião  
Antônio  
Assistente de Produção  
Bêbado 1  
Bêbado 2  
Bêbado 3  
Bosco  
Carioca  
Cavaleiro  
Chicão  
Chumbinho  
Dalva  
Darcília  
Declamadora  
Drag Queen 1  
Drag Queen 2  
Dudu  
Eduardo da Cunha Júnior  
Enfermeira  
Fábio  
Garçom  
Gay 1  
Geralda  
Moça do caixa  
Guarda de trânsito  
Helena  
Homem do bar  
Janaína  
Jaqueline  
Jofre  
José Ulysses de Almeida  
Joyce  
Jussara  
Laurentina  
Lisa  
Maquiador  
Marcos  
Maria Germana  
Marilene  
Marjô  
Marlene  
Mary Gold  
Modelo F1  
Modelo F2  
Modelo F3  
Modelo F4  
Modelo F5  
Modelo F6  
Modelo F7

## ATORES

- Chico Pelúcio (BH)  
- Francisco Milani (Rio)  
- Rose Brant (BH)  
- Paulo Vieira (BH)  
- Francisco Panessa (BH)  
- Frederico Araújo (BH)  
- Daniel Oliveira (BH)  
- Henrique Pires (Rio)  
- Edu Costa (BH)  
- Stênio Garcia (Rio)  
- Denilson Tourinho (BH)  
- Cristina Vilaça (BH)  
- Beth Grand (BH)  
- Lorelai Schneider (BH)  
- Karl Bichara (BH)  
- Mistake (BH)  
- Eduardo Villa (BH)  
- Jonas Bloch (Rio)  
- Giovana Leão (BH)  
- Luiz Arthur (BH)  
- Élcio Júnior (BH)  
- Renato Milani (BH)  
- Taís Garayp (BH)  
- Ana Cardoso (BH)  
- Márcio Miranda (BH)  
- Paula Burlamaqui (Rio)  
- José Facury (BH)  
- Cristina Rizzo (BH)  
- Elessandra Abdo (BH)  
- Elvécio Guimarães (BH)  
- Eduardo Lago (Rio)  
- Selma Mello (BH)  
- Márcia Barros (Rio)  
- Regina Bahia (Congonhas)  
- Roseane Villela (BH)  
- Carlluty Ferreira (BH)  
- Geraldo Carrato (BH)  
- Cleo Carmona (BH)  
- Michelle Castro (BH)  
- Juliana Souza (BH)  
- Jeane Mota (BH)  
- Heloisa Duarte (BH)  
- Larissa Bracher (BH)  
- Luciana Ladeia (BH)  
- Daniela Chistopher (BH)  
- Ingrid Hass (BH)  
- Moara Lemos (BH)  
- Moema Ramos (BH)  
- Bárbara Heliadora (BH)

Modelo M1	- Haroldo Alves (BH)
Modelo M2	- Rodrigo Paiva (BH)
Modelo M3	- Cristiano Fonseca (BH)
Motorista do táxi	- Plínio Sabará (BH)
Mulher 1	- Flávia Lupe (BH)
Mulher da festa (Anfitriã)	- Cláudia Zanato (BH)
Mulher Misteriosa	- Cássia Kiss (Rio)
Mulher Drogada	- Luiza Mello (BH)
Mulher Nua	- Luciene Vianna (BH)
Namorada do Noca	- Inês Peixoto (BH)
Nilo	- Rogério Cardoso (Rio)
Noca	- Eduardo Moreira (BH)
Passageiro	- Chico Neto (BH)
Preto	- Romeu Evaristo (Rio)
Prisciliana	- Maria Olívia (BH)
Psiquiatra	- Odilon Wagner (Rio)
Recepcionista 1	- Rodrigo Miallaret (BH)
Recepcionista 2	- Gustavo Werneck (BH)
Fotógrafo	- Ferrúcio Verdolim (BH)
Silviano	- Carl Schumacher (BH)

## FIGURAÇÃO

Participantes da equipe fotográfica e da festa, frequentadores e garçons do Bar do Campo e do Restaurante Cova do Daniel e moradores de Congonhas.

# PERFIL DOS PERSONAGENS

## Protagonistas

**JOSÉ ULYSSES DE ALMEIDA** - Professor universitário no Rio de Janeiro, encontra-se no auge da carreira. Especializado em Barroco Mineiro, suas teses sobre a obra de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, correm mundo e são referências obrigatórias. Mas, apesar das conquistas profissionais e das glórias acadêmicas, sente-se vazio, sem rumo, como que parado no meio do caminho: *Se a gente não volta ao passado, nem que seja só pra lamentar o que não fez, a gente fica sem raízes, entendeu?* Mas nem o romance que tentou escrever consegue terminar. *De mim nada restará.* E é essa incapacidade de mergulhar nas raízes e de materializar as referências que o asfixia, por saber que jamais será o que tanto anseia ser: um criador. Criar a sua própria obra ao invés de teorizar, apenas, sobre a obra dos outros: *Em arte, quem não sabe, ensina. Quem sabe, faz.*

**BOSCO** - Filho mais velho de Antônio e Geralda, apesar dos cuidados e da proteção da mãe, só convive com a família porque é obrigado; porque não tem outro lugar onde morar. Desde criança, sempre procurou, mas nunca obteve, a compreensão e o carinho do pai. E foi este estado de carência, de constante busca e constante rejeição, que o fez ser o que é: um estrangeiro no ambiente familiar. Dependente de drogas, e sem condições de se integrar, refugia-se no seu mundo de alucinações e de delírios. *Ninguém pode fazer nada. Os substantivos é que quebram os silêncios.*

**CARIOCA** - Assaltante e pequeno traficante do Rio de Janeiro tem um sonho. *Eu quero é grana. Tirar o pé da lama e viver que nem bacana. Fodendo todo mundo e cagando na polícia, entendeu?* Mas, antes, tem uma tarefa a cumprir. Matar o policial que torturou e assassinou Mary Gold, a única mulher que ele amou.

**PRETO** - Colega e amigo de Carioca, ao contrário dele, não tem sonhos. Pragmático, sabe que nunca passará de um marginal pé-de-chinelo. *Quando esta merda acabar eu quero é sombra e água fresca, meu irmão.* Mas acompanha Carioca na vingança. O policial que torturou e assassinou Mary Gold, torturou e assassinou também Chumbinho, seu irmão.

**EDUARDO DA CUNHA JÚNIOR** - Engenheiro mecânico, é um homem essencialmente prático. A realidade vale pelo que é e nada existe fora dos limites da matéria. *Questão de lógica, meu caro. Mera questão de lógica. Se um mecanismo foi montado para dar um determinado resultado e esse resultado sai prejudicado, o problema não é do mecanismo. O problema é de quem montou o mecanismo, entendeu?* Profundamente racionalista, a ele se pode aplicar, inteiramente, o pensamento de Kramer: *Não acredito na existência da alma humana porque nunca a encontrei na ponta do meu bisturi.* Mas são, justamente, as suas certezas e as suas convicções que o tornam vulnerável quando se vê, de repente, inserido num contexto onde os limites da matéria foram ultrapassados.

**MARIA GERMANA** - Mulher sofisticada, no auge profissional e sexual, e mantendo ainda algumas atitudes feministas, características da sua geração, não

tem escrúpulos em usar as pessoas, desde que, com isso, possa satisfazer as suas necessidades ou caprichos, *Quê que você quer? Outra foda? Colo, eu não tenho.*

**HELENA** - Mulher tão bela quanto misteriosa, pelo seu comportamento, parece mais um onirismo de Eduardo, envolvido pelo clima encantado das ruelas da cidade, do que um ser humano verdadeiro. *O que importa mais, Eduardo? Ter certeza ou ser feliz?* É neste contexto, cercada de encanto e de mistério, que Helena deve ser encarada e apresentada.

## **Coadjuvantes principais**

**MULHER DESCONHECIDA** - Representa, na realidade, o socorro, a saída que Ulysses tanto tinha procurado e, finalmente, encontrou (dentro de si mesmo), quando se viu no fim de um caminho que imaginava sem retorno.

**ANTÔNIO** - Aposentado da prefeitura, embora se diga ainda um homem de convicções e de certezas, é, apenas, um vencido da vida. Um tiranete que descarrega nos outros, principalmente em Bosco e em Geralda, todas as suas frustrações.

**GERALDA** - Mulher sofrida, castigada pela vida, procura, ainda assim, proteger e integrar Bosco na família. Mas, incapaz de enfrentar as agressões do marido e a indiferença dos filhos, refugia-se no único mundo que a sua passividade lhe concede: acreditar que tudo está bem quando Deus permite que esteja bem.

**JUSSARA** - Filha segunda de Antônio e Geralda, deseja Bosco sexualmente. Reprimida pelo sentimento de culpa desse desejo, torna-se, por vezes, extremamente conflituosa e agressiva. E justifica-se, perante si mesma, alegando que é Bosco que a deseja.

**FÁBIO** - Filho mais novo de Antônio e Geralda, é o único membro da família que o pai considera. Bem aceito pela sociedade local como bom filho e bom irmão, acha que ajuda Bosco aconselhando-o. Mas só o aconselha. Não se preocupa em compreender o irmão, nem em resolver os problemas que o cercam.

**NOCA** - Amigo de infância de Bosco é o único que o aceita sem restrições. Mas, dependente de drogas, vive também num mundo de delírios e alucinações. E tudo que faz só piora o seu estado e o estado de Bosco.

**CHICÃO** - Ex-policial carioca torturou e assassinou Mary Gold e Chumbinho. Aposentado e casado em Congonhas, é considerado pelos amigos como pessoa de bem. O passado nada mais representa para ele, nem o faz sentir-se culpado. Foi, apenas, consequência da profissão e do meio.

**MARCOS** - Político, ex-prefeito de Congonhas, foi colega de Ulysses, de colégio e faculdade, em Belo Horizonte. Iniciou-se na política devido à participação ativa no movimento e nas greves estudantis de 1968. Aburguesado, esqueceu a antiga ideologia e procura, apenas, manter-se nos círculos do poder.

**SILVIANO** - Empresário, também foi colega de Ulysses, de colégio e faculdade, em Belo Horizonte. Como Ulysses, também nunca se envolveu em política. Mas, ao contrário dele, não lamenta, nem recorda, aquele passado que não viveu (porque não quis).

**MARILENE** - Noiva de Fábio, odeia a sua passividade, profissional e pessoal, e o futuro do casamento confinado à modorra da cidade. Imaginando-se mulher fatal, num misto de vingança e prazer de aventura, gosta de provocar Bosco. Mas faz isso protegida pelo seu estado de noiva e dizendo que é Bosco que a provoca.

**PRISCILIANA** - Mulher tranqüila, vive a vida como ela deve ser vivida. Sem atropelos nem sonhos. Tia de Ulysses e viúva desde o nascimento da filha, criou o sobrinho como um filho, após a morte dos pais.

**LAURENTINA** - Filha de Prisciliana, sempre gostou de Ulysses. Apesar de nunca ter sido correspondida, não se arrepende desse sentimento. E recebe Ulysses com a maior alegria sempre que ele visita Congonhas.

**NILO** - Dono do Bar do Campo, é o típico mineiro do interior. De poucas falas, mas amigo do amigo. Por isso, mesmo conhecendo o passado de Chicão, considera-o um amigo fraternal.



## SINOPSE DO ROTEIRO

Num domingo de manhã, *José Ulysses de Almeida*, vindo do Rio de Janeiro, *Maria Germana*, vinda de São Paulo, *Bosco*, vindo de Belo Horizonte, *Carioca e Preto*, vindos do Rio de Janeiro, e *Eduardo da Cunha Júnior*, vindo de São Paulo, chegam à cidade de Congonhas, no interior do estado de Minas Gerais. Uns, por motivos pessoais. Outros, por motivos profissionais. Outros, ainda, por motivos alheios à sua própria vontade. Não se conhecem, mas se encontram, e as vidas de todos irão entrecruzar-se e afetar-se, e afetar também a vida da cidade.

Ulysses, mesmo rodeado de familiares e amigos, não consegue emergir da sua angústia. E sai por Congonhas, movido pela necessidade de encontrar-se. Mas não consegue. E, cada vez, mais se desespera. Maria Germana vê-o, solitário e sem destino, e tem curiosidade de conhecer o que motiva aquela angústia.

Bosco, que sempre ansiou ser compreendido pelo pai, volta para casa ainda esperançado. Mas o pai o desconhece. Desesperado, Bosco refugia-se na sua solidão e fecha-se no seu mundo circular e sem saída.

Carioca e Preto percorrem Congonhas, procurando o único ponto de que tinham referência: o Bar do Campo. É no Bar do Campo que acertarão as contas com Chicão. E lá passam a tarde, bebendo e jogando sinuca, esperando que anoiteça.

Eduardo, convidado por Fábio, irmão de Bosco e engenheiro da Açominas, aceita conhecer a arte barroca de Congonhas.

À tarde, todos se cruzam no Bar do Campo. Todos esperando que a noite caia para, enfim, cada um caminhar no seu destino.

Maria Germana encontra Ulysses e variar a rotina do trabalho, Carioca e Preto acertarem as suas contas, Bosco fugir da asfixia das paredes do seu quarto, e Eduardo conhecer a arte barroca de Congonhas.

A noite chega, finalmente, e cada um percorre seu caminho.

Maria Germana encontra Ulysses e expande o seu desejo. Mas Ulysses tem necessidade de um porto mais seguro onde possa ancorar o seu vazio. As perspectivas de Maria Germana, entretanto, são outras. Gostou do sexo. Mas só do sexo. Sem amparo e sem contrapartida, Ulysses sente-se, cada vez, mais um estrangeiro.

Bosco, solitário, vagueia pela cidade, asfiziado em pesadelos e cercado de muros intransponíveis. Desesperado, desintegra-se em visões fantasmagóricas e alheia-se de tudo e de todos.

Chicão, frente a frente com Carioca e com Preto, sabe que as contas serão ajustadas, finalmente.

Eduardo perde-se nas vielas de Congonhas. E, numa delas, encontra Helena. Mas Helena some. Eduardo espanta-se. Mas mais espantado fica quando Helena reaparece. Mas Helena some de novo e Eduardo não tem como procurá-la. Mas ela reaparece. Helena sempre reaparece. Espantado mas, ao mesmo tempo seduzido, Eduardo quer seguir Helena. E segue-a. E, inteiramente fascinado, mergulha naquele encantamento de mistério e perde a noção da realidade e do tempo.

A noite avança. Tranqüila, mas alheia aos que nela cumprem seus destinos.

Ulysses, ainda tentando ancorar o seu vazio, concorda acompanhar Maria Germana à festa de despedida da equipe fotográfica. Mas Maria Germana não deseja compromissos. O sexo foi bom. Mas foi somente sexo, sem qualquer consequência.

Bosco, perdido nas alucinações do seu mundo circular e sem saída, continua peregrinando pelas ruas sem ninguém.

Carioca e Preto, acompanhados de Chicão, iniciam a sua viagem sem retorno.

Eduardo, encandeado, mergulha de vez na realidade do seu próprio encantamento e deixa que Helena o leve. Não importa para onde. Agora, importa, apenas, que tudo aquilo permaneça.

É madrugada. E, no silêncio da cidade adormecida, apenas a escuridão vigia para que se cumpram os destinos. E os destinos vão cumprir-se.

No carro que some na rodovia, em direção ao Rio de Janeiro, nem Carioca, nem Preto, nem Chicão, sabem o que vai acontecer. Sabem que alguém irá morrer. Apenas, nenhum deles aceita que a sua própria hora já chegou.

Eduardo, agora, não precisa de mais nada. Nem sequer das certezas que sempre teve. Agora, Eduardo tem Helena. E some na noite, com ela. Feliz, porque não precisa olhar mais para o passado. Nem preocupar-se mais com o futuro.

E a manhã chega, finalmente.

Há muito terminou a festa de despedida da equipe fotográfica. Só, Ulysses sai da casa. Um carro pára e oferece carona. Ulysses, perdido, entra no carro. No volante, uma mulher está sorrindo. Ulysses não a conhece, nem ela o conhece tampouco. O carro arranca e eles conversam. E Ulysses percebe, finalmente, que a mudança que tanto procurou sempre esteve dentro de si mesmo. E deixa Congonhas, regenerado.

Bosco, desesperado, explode todos os seus elos e mergulha, de vez, no seu círculo asfixiante e sem saída.

Todos os que chegaram, partiram. E os destinos se cumpriram. Cada um percorrendo seu caminho. De volta ou sem retorno. Mas diferente do caminho anterior.

# ROTEIRO

## 01 - CIDADE DE CONGONHAS. EXTERIOR. AMANHECER.

*Vista panorâmica. Aérea. A cidade é focada a uma altura em que apareça não só todo o perímetro urbano como, também, a cercadura das montanhas que a rodeiam. Lentamente, a câmera começa se aproximando até focar, apenas, as casas e as ruas do centro histórico, com a luz das lâmpadas ainda tremeluzindo, embora já um pouco esmaecida pela primeira claridade do amanhecer.*

## COMEÇAM OS CRÉDITOS E OS LETREIROS DA FICHA TÉCNICA.

*Sempre lentamente, a câmera aproxima-se do Largo dos Passos da Via-Sacra e fixa-se no Adro dos Profetas. Close da estátua do Profeta Abdias, iluminado em contraluz.*

## 02 - RODOVIA 040. EXTERIOR. AMANHECER.

*Ônibus vindo do Rio de Janeiro para Belo Horizonte. Ao passar, vêem-se os rostos de alguns passageiros. Uns dormindo, outros olhando pelas janelas. Vê-se também o nome da empresa: COMETA.*

## 03 - ÔNIBUS. INTERIOR. AMANHECER.

*Ônibus lotado. Alguns passageiros dormem. Outros, olham pelas janelas ou conversam. Ulysses, sentado no banco da frente, com uma mala de mão em cima dos joelhos, olha, absorto, através do pára-brisas. Sentadas atrás dele, Jaqueline e Marjô conversam.*

JAQUELINE

- Se não fosse por causa da mamãe, eu não vinha. *(Com ênfase.)* De jeito nenhum!

MARJÔ

- Mas você tinha que vir, Jaqueline. Afinal, ele é seu pai.

JAQUELINE

- Ah, Marjô, você diz isso, porque seu pai nunca foi igual a ele. Se fosse...

*Ulysses ajeita-se no assento. Marjô cutuca Jaqueline, pensando que Ulysses quer escutar a conversa. Jaqueline olha Ulysses e faz um gesto brusco com a cabeça.*

JAQUELINE

- Odeio gente...

MARJÔ *(Cortando, rápida)*

- Deixa. Depois, a gente fala.

#### **04 - HOSPITAL. SALA DE ATENDIMENTO. INTERIOR. DIA.**

*Psiquiatra explica a Geralda o estado e a situação de Bosco. Sentada na frente da secretária, Geralda escuta ansiosa e atentamente. Indiferente, Bosco, com a cara colada no vidro, olha pela janela.*

PSIQUIATRA

- Como eu já falei com a senhora, D. Geralda, o que Bosco precisa, agora, é da senhora. Da senhora, do pai, dos irmãos, enfim, da compreensão e do carinho de todos. E, quando eu digo de todos, é de todos mesmo. Família, amigos, tudo, a senhora entende?

*O Psiquiatra cala-se e olha Geralda durante alguns instantes, como esperando que ela diga alguma coisa. Geralda não diz nada.*

PSIQUIATRA

- A senhora entendeu bem o que eu falei, D. Geralda?

*Geralda continua olhando o Psiquiatra e acena com a cabeça, lentamente.*

PSIQUIATRA

- Então é isso.

#### **05 - AEROPORTO DA PAMPULHA. EXTERIOR. DIA.**

*Eduardo aproxima-se do ponto de táxi, empurrando um carrinho com a bagagem. Uma mala e uma pasta tipo 007. O Motorista do primeiro táxi da fila conversa com o Guarda de trânsito. Eduardo pára e pega a pasta. O Motorista olha Eduardo, pega a mala, mas continua falando com o Guarda.*

GUARDA

- É. Eu acho que você tem razão, sim. Do jeito que tão as coisas...

MOTORISTA

- Se nego tivesse vergonha, não votava mais nesses ladrões, não.

GUARDA

- Isso eu também acho. Mas quê que vai se fazer?

MOTORISTA

- Quê que vai se fazer?

*Eduardo abre a porta do táxi e senta-se. O Motorista guarda a mala no porta-malas.*

MOTORISTA

- Se político é safado, nego ainda é mais safado, entendeu? (*Fecha o porta-malas*) Se não fosse safado, sabe o quê que fazia? Fazia como eu. Votava era na vovozinha!

GUARDA (*Rindo*)

- Falou, compadre!

*O Motorista entra no táxi, acena ao Guarda, que retribui, e dá a partida.*

## **TERMINAM OS CRÉDITOS E OS LETREIROS DA FICHA TÉCNICA.**

### **06 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*Ulysses salta do ônibus no Trevo de Congonhas. Algumas crianças jogam pelada, com uma bola de plástico. O ônibus segue. Risos e gritos das crianças, tipo: Passa, Cascudo! Olha eu! Vai! Assim não vale! Chuta, merda! Ulysses, parado, indiferente à brincadeira e aos gritos das crianças, olha a estátua do Profeta Habacuc, como se ali já se iniciasse o seu retorno. Após algum tempo, começa andando e segue em direção ao centro de Congonhas.*

### **07 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*Carro, modelo corcel, já fora de linha e todo reventado, vindo do Rio de Janeiro para Congonhas.*

### **08 - CORCEL. INTERIOR. DIA.**

*Carioca dirigindo e Preto bebendo pelo gargalo de uma garrafa. Escutam-se notícias, transmitidas pelo rádio.*

#### **VOZ DO LOCUTOR**

- Fugiu esta madrugada da cadeia de Conselheiro Lafaiete o fazendeiro Josias Alvarenga, natural de Congonhas. Acusado da morte do ex-prefeito José Caldas, jurou de morte os policiais que o prenderam.

#### **PRETO (Rindo)**

- Tá vendo? Gente fina!

### **09 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*Ônibus vindo de Belo Horizonte para Congonhas.*

### **10 - ÔNIBUS. INTERIOR. DIA**

*Geralda e Bosco, sentados no mesmo banco. Close dos rostos. Bosco, olhar parado, fixo num ponto qualquer do interior do ônibus. Geralda, olhando as mãos cruzadas no colo, parece rezar em silêncio. Próximas, escutam-se as vozes de dois passageiros.*

#### **VOZ DO PASSAGEIRO 1**

- Sabe por quê que eu gosto de Congonhas?

#### **VOZ DO PASSAGEIRO 2**

- Eu ainda não conheço.

#### **VOZ DO PASSAGEIRO 1 (Ao mesmo tempo)**

- Porque tem mulher em tudo quanto é canto. Diz que tem mulher até que nem existe, já pensou!

### **11 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*Táxi vindo de Belo Horizonte para Congonhas.*

### **12 - TÁXI. INTERIOR. DIA.**

*Eduardo, sentado no banco traseiro, com a pasta nos joelhos, lê, atentamente, um relatório. O Motorista fala, sem se importar com o silêncio de Eduardo.*

MOTORISTA

- É como eu digo pro senhor. Este país não tem mais jeito, não. Todo mundo rouba e fica por isso mesmo. E eu vou ser franco. Eu só não roubo porque não posso. Se eu fosse um desses políticos que tem por aí, o senhor pensa que eu tava aqui, dirigindo este táxi? Tava nada. Tava era lá fora, no bem bom, ou o senhor pensa que isto aqui ainda tem jeito? Tem nada!

### **13 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*O corcel de Carioca e Preto aproxima-se de uma tabuleta onde se lê: CONGONHAS 5 KM.*

### **14 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*Escutam-se estampidos de dois tiros e vê-se um furo na tabuleta.*

### **15 - CORCEL. INTERIOR. DIA.**

*Escuta-se música sertaneja, transmitida pelo rádio. Preto ri.*

PRETO

- Tu viu? Num sou mais eu.

CARIOCA (*Dando um murro no volante*)

- Preto, porra!

PRETO

- Ô, Carioca, quê que há, meu irmãozinho?

CARIOCA (*Ao mesmo tempo*)

- Tá querendo que todo mundo...

PRETO

- E não vão saber, não, porra?

### **16 - COLONIAL HOTEL. INTERIOR. DIA.**

*Recepção do hotel, com hóspedes entrando e saindo. Eduardo e Fábio junto do balcão. Na extremidade oposta, o Recepcionista entrega e recebe as chaves pedidas e deixadas pelos hóspedes. A câmera aproxima-se de Eduardo, que preenche a ficha de hospedagem. Fábio, nervoso, mexe-se constantemente, mas, ao mesmo tempo, curioso, espia o que Eduardo escreve. No detalhe, lê-se o nome Eduardo da Cunha Júnior. Eduardo olha Fábio e pára de escrever.*

EDUARDO

- Meu caro Fábio, é como já lhe disse, afobação não adianta.

FÁBIO

- É que o problema é muito urgente, Dr. Eduardo. Nós tamos com metade do nosso pessoal...

*Eduardo olha Fábio, irônico, e ele cala-se.*

EDUARDO

- Me diga uma coisa. Há quanto tempo você trabalha na Açominas, hem?

FÁBIO

- Dois anos, Dr. Eduardo. Fez dois anos em agosto. Me formei e...

EDUARDO (*Sorrindo e acenando com a cabeça*)

- Ah, então tá certo. Tá certo. Você ainda acredita em milagres.

*Fábio olha Eduardo, como se não entendesse.*

EDUARDO (*Continuando*)

- Só que engenheiro não faz milagres, não, meu caro. Na nossa profissão, ou as coisas são, ou não são. O resto...

FÁBIO

- Mas eu concordo com o senhor, Dr. Eduardo. Só que, neste caso, eu acho que o pessoal, sabendo que o senhor... É uma questão, sei lá, talvez psicológica, o senhor entende?

EDUARDO (*Irônico*)

- Bom. Se a questão é psicológica... Se bem que, meu caro, Engenharia com Psicologia, não tem nada a ver. Só rima. O resto... Mas, já que você tá tão preocupado...

*Eduardo cala-se e continua preenchendo a ficha de hospedagem. Escuta-se o barulho de uma mala de mão sendo jogada em cima do balcão, na outra extremidade.*

VOZ DE ULYSSES

- Tem apartamento?

*Corta para Ulysses e Recepcionista. O Recepcionista pára de pendurar as chaves no quadro e volta-se.*

RECEPCIONISTA

- O senhor tem reserva?

*Ulysses não responde.*

RECEPCIONISTA

É que o hotel tá lotado e...

ULYSSES

- Tem apartamento ou não tem?

RECEPCIONISTA

- Ter, eu tenho. Só que é quarto, de fundos. É que tá aqui um pessoal de São Paulo e...

ULYSSES (*Cortando*)

- Ótimo.

*O Recepcionista dá a ficha de hospedagem para Ulysses preencher. Ulysses começa preenchendo. Corta para Eduardo e Fábio.*

FÁBIO

- Quer dizer, então, que eu posso...

EDUARDO

- Mas claro!

FÁBIO

- Dr. Eduardo, eu só queria que o senhor entendesse a minha posição. Eu acho que o senhor só devia ser incomodado amanhã, mas é o que o Dr. Malaquias, que é o nosso diretor de produção...

EDUARDO

- Pra mim, tá ótimo. Quanto mais cedo eu terminar, mais cedo volto pra São Paulo.

VOZ DE ULYSSES

- A chave, por favor.

*Corta para Ulysses e Recepcionista. O Recepcionista pega a ficha de hospedagem que Ulysses acabou de preencher e passa os olhos pelos dados. No detalhe, vê-se o nome, José Ulysses de Almeida. O Recepcionista entrega a chave a Ulysses.*

RECEPCIONISTA

- Quarto 10. O senhor tem bagagem?

*Ulysses não responde. Pega a mala de mão e afasta-se. Corta para Eduardo e Fábio.*

EDUARDO (*Olhando Ulysses afastar-se*)

- Tá vendo? Um que, não vai demorar muito, não vai nem saber que dois e dois são quatro. Afobação, meu caro...

FÁBIO

- Eu conheço ele. Quer dizer, é parente de uma vizinha lá de casa...

*O Recepcionista olha, ainda em cima do balcão, a ficha de hospedagem que Eduardo preencheu. Percebe-se uma ligeira hesitação, mas ele não a pega e entrega a chave a Eduardo.*

RECEPCIONISTA

- Apartamento 6, por favor. O senhor tem bagagem?

EDUARDO (*Apontando a mala e a pasta, no chão*)

- Aquelas duas.

*Escuta-se o ruído e o vozerio de várias pessoas descendo as escadas. Corta para Ulysses, parado junto das escadas, e para a equipe fotográfica, espalhando-se pelo saguão. Ulysses olha, curioso, aquela parafernália: mulheres, homens, roupas e equipamentos. Sérgio, com duas máquinas fotográficas, de modelos diferentes, penduradas no pescoço, aproxima-se de Maria Germana.*

SÉRGI

- Chi, Maria Germana, esqueci os espotes...

MARIA GERMANA

- Não faz mal. Hoje, eu quero luz natural.

*A equipe fotográfica começa saindo. Ulysses sobe as escadas. Corta para Eduardo e Fábio e Recepcionista. Eduardo aponta a equipe fotográfica saindo.*

EDUARDO

- O que é que esse pessoal...

RECEPCIONISTA

- Tão fotografando. Diz que é pra uma revista de modas, lá de São Paulo. (*Encolhe os ombros, num gesto desdenhoso*) Coisa de paulista.



*Eduardo olha o Recepcionista e sorri, e pega a mala e a pasta. Fábio faz o gesto de ajudar, mas Eduardo abana a cabeça, recusando.*

FÁBIO

- Quer dizer então que eu posso...

EDUARDO

- Mas é claro, meu caro!

FÁBIO

- Depois do almoço tá bom pro senhor?

EDUARDO

- Por quê depois do almoço? Vamos agora. É só deixar isto (*mostra a bagagem*) lá em cima e vamos.

FÁBIO

- Então, vou pegar o carro e...

EDUARDO (*Rindo*)

- A questão não é psicológica?

FÁBIO

- O senhor pode ficar certo que...

EDUARDO (*Superior*)

- Certo, eu sempre tô, meu caro. O problema, não são as minhas certezas. O problema, são as dúvidas dos outros.

*Eduardo afasta-se, carregando a mala e a maleta, e começa subindo as escadas.*

#### **17 - COLONIAL HOTEL. QUARTO DE ULYSSES. INTERIOR. DIA.**

*A mala de mão, ainda fechada, está em cima da cama. Ulysses, em pé, fala ao telefone. Gesticula e movimenta-se sem parar.*

ULYSSES

- Silviano? Ulysses. Não, tô em Congonhas. No Colonial. Não, não, obrigado. Silviano, por favor, eu sei que você faz questão, mas eu prefiro ficar aqui. O Marcos também... Ô, Silviano, quê que há? Ô, Silviano, pelo amor de Deus, então você acha... Tá. Tá certo. Mas o eu queria te falar, é o seguinte. Não, não. Desta vez, não vim de férias, não. Não. É só uma fugida. Mas o que eu queria te dizer é que já combinei com a tia Prisciliana um almoço, e... Não. Pra hoje. Isso. E queria que você fosse. Pode ser? Não, não. Vim sozinho. Não, Silviano, a Ziza... Não. A gente separou. É. Faz mais de quatro anos. Depois, te conto. Isso, velhão. À uma, então, ok? Mas vê se não atrasa, não, que a tia Prisciliana, você sabe como ela é, quando tem convidados. Então, tá, e, ó, um abração, pra você, viu?

#### **18 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*Bosco e Geralda saltam de um ônibus na parada do Colonial Hotel. Bosco na frente e Geralda, atrás, carregando a mala de Bosco.*

GERALDA

- Bosco, você viu o que o médico falou. Agora, se você não se cuidar...

*Bosco mete as mãos nos bolsos e caminha, indiferente, como se a mãe não existisse.*

VOZ DE BOSCO

- Só as perdas fundamentais são necessárias.

GERALDA (*Continuando*)

- Bosco, pelo amor de Deus, escute sua mãe. Você sabe como é seu pai. Ele não acredita que você tá doente, não. E, agora, que se aposentou, piorou. E, Jussara, sua irmã, também... Logo que soube que você ia voltar, parece até que virou outra. Até com o namorado, o Joca, aquele filho de Seu Campos, tão bom moço e tudo mais, até com ele ela brigou.

VOZ DE BOSCO

- Só as perdas fundamentais são verdadeiras.

GERALDA (*Continuando*)

- Se não fosse seu irmão Fábio, que seu pai ainda respeita, não sei nem o que seria da gente. Eu sei que você tá sofrendo muito, mas se seu pai vê você assim...

*Bosco anda mais rápido e distancia-se de Geralda. Emília, carregando uma sacola de compras, sobe a calçada. Geralda apressa-se, procurando acompanhar Bosco. Emília pára na frente de Geralda que, preocupada, não a vê.*

EMÍLIA

- Credo, comadre!

GERALDA (*Ao mesmo tempo, chamando Bosco*)

- Meu filho!

*Emília segura a mala que Geralda carrega. Geralda, obrigada a parar, olha Emília, espantada, e, ao mesmo tempo, embaraçada.*

GERALDA

- Comadre Emília...

EMÍLIA (*Incisiva*)

- Você não toma emenda, mulher!

GERALDA (*Como que se desculpando*)

- Bosco não tá bem.

*Emília volta-se e olha Bosco, afastando-se. A câmera acompanha o olhar de Emília.*

VOZ DE GERALDA (*Ao mesmo tempo*)

- O doutor falou que...

*Corta para Emília olhando Geralda, severa.*

EMÍLIA

- Vagabundo! (*Aponta a mala que Geralda carrega.*) Um cavalo daquele tamanho e a mãe é que... (*Pausa. Outro tom.*) Comadre, comadre, compadre Antônio é que tá certo. É meu afilhado, mas, em vez de mimo, o que aquele vagabundo precisa é de correia no lombo e de calo na mão.

*Geralda olha na direção de Bosco. A câmera mostra a preocupação estampada no seu rosto.*

GERALDA

- Comadre, pelo amor de Deus...

EMÍLIA (*Com força*)

- Vai, vai, e que Deus não te castigue, mulher!

*Geralda afasta-se, apressada, carregando a mala. Corta para Emília, vendo Geralda afastar-se e abanando a cabeça, num gesto reprovador. Corta para Bosco. A equipe fotográfica aproxima-se e Bosco anda mais rápido. Ao cruzarem, uma das modelos sorri para Bosco. Bosco volta-se e olha-a, e, de repente, as pernas da modelo começam a distender-se e os passos ficam lentos, e ela parece flutuar. Bosco olha os outros membros da equipe fotográfica, e a mesma coisa acontece. As pernas distendem-se e os passos ficam lentos, e os corpos parecem flutuar. Bosco tapa o rosto com as mãos e fica rígido, como que pregado no chão. Corta para Geralda, aproximando-se.*

GERALDA

- Bosco, quê que você tem? Pelo amor de Deus, escute sua mãe. Eu só tô falando pra seu bem, meu filho!

*Num gesto brusco, Bosco tapa os ouvidos com as mãos e sai correndo.*

VOZ DE BOSCO

- Viver não é viver!

GERALDA (*Quase gritando*)

- Bosco!

## **19 - RUA. EXTERIOR. DIA**

*Ulysses anda pela rua, devagar. Parece não ver nada à sua volta, mas a angústia está patente em todos os seus gestos e expressões, que são total e graficamente explorados pela câmera.*

## **20 - ADRO DOS PROFETAS. EXTERIOR. DIA.**

*Ulysses entra no adro e pára junto da estátua do Profeta Daniel. Olha para ela, mas é como se não a visse. Fica parado durante algum tempo e, de repente, abana a cabeça com força.*

ULYSSES

- Merda!

*Ulysses passa as mãos no rosto e, com gestos bruscos, acende um cigarro e afasta-se com passos rápidos. Como se, apesar de tanto ter desejado vir a Congonhas, já se sentisse um estrangeiro.*

## **21 - TREVO DE CONGONHAS. EXTERIOR. DIA.**

*Um Cavaleiro aproxima-se, o cavalo andando devagar. O corcel de Carioca e Preto aproxima-se também, vindo em sentido contrário, e pára próximo do Cavaleiro. Janaína, com passos rápidos e cantarolando, vem andando pelo acostamento da rodovia.*

## 22 - TREVO DE CONGONHAS. EXTERIOR. DIA.

*A câmara enquadra o corcel pelo lado de Preto.*

PRETO (*Acenando ao Cavaleiro*)

- Ei, ô! Por onde é que a gente vai pra Congonhas, hem?

*O Cavaleiro pára e aponta a estátua do Profeta Habacuc.*

CAVALEIRO

- Ali, no Aleijadinho...

PRETO

- Alei, o quê, porra?

*O Cavaleiro esporeia o cavalo e sai a trote.*

PRETO (*Gritando*)

- Quê que há, ô?!

*O Cavaleiro esporeia o cavalo e sai a galope.*

PRETO (*Gritando*)

- Filho da puta!

CARIOCA

- Ô...

PRETO

- Fica frio, porra!

*Preto sai do corcel e aproxima-se da estátua do Profeta Habacuc, olha-a durante alguns instantes, e, num gesto debochado, abre a braguilha e mija no pedestal. Janaína pára, espantada. As crianças param de brincar e riem. Preto ri também. Corta para Preto e Janaína.*

PRETO

- Quê que há, hem, dona? Nunca viu cacete, não?

*As crianças aproximam-se, curiosas, e Preto, rindo, aponta o pedestal da estátua, molhado.*

PRETO

- Só tô lavando, porra.

*Janaína benze-se e as crianças param de rir.*

JANAÍNA

- Que sacrilégio, Deus que me perdoe!

*Preto abotoa a braguilha.*

PRETO

- Sacrilégio? Sacrilégio tu vai ver agora, sua vaca!

*Janaína olha Preto, horrorizada. Preto puxa o revólver e atira na estátua. Janaína e as crianças, assustadas, gritam e saem correndo. Preto ri e entra no corcel.*

## 23 - CORCEL. INTERIOR. DIA.

*Preto rindo e Carioca furioso.*

CARIOCA

- Endoidou, filho da puta?!

PRETO

- Afinei, meu irmão. Agora é que eu tô, ó!

*Carioca dá um murro no volante e o corcel arranca, cantando pneu.*

## **24 - CASA DE BOSCO. SALA. INTERIOR. DIA.**

*Classe média baixa. Móveis típicos de cidade mineira do interior. Jussara, sentada, e Marilene, encostada na mesa, conversam.*

MARILENE

- Jussara, você não acha que eles já deviam ter chegado, não? Fábio falou que...

JUSSARA

- Fábio também foi?

MARILENE

- Não. Fábio, agora, tá por conta de um tal de Dr. Eduardo. Diz que é um engenheiro que veio de São Paulo e Fábio...

JUSSARA

- Foi Fábio que mandou você...

MARILENE

- Ele que pediu. Mas eu não queria vir, não.

JUSSARA *(Cínica)*

- Não? Então por quê que veio?

MARILENE *(Ao mesmo tempo)*

- Não sei nem como é que Bosco tá.

JUSSARA *(Mesmo tom)*

- Não sabe, mesmo, ou...

MARILENE

- Ah, Jussara!

JUSSARA *(Mesmo tom)*

- Eu só perguntei por perguntar. Afinal, você já é da família. Ou ainda não é? Hem?

MARILENE *(Tentando apaziguar)*

- Bosco, desta vez ficou um ano, não foi, não?

*Jussara não responde.*

MARILENE *(Continuando)*

- Diz que não pode voltar mais, é verdade?

JUSSARA *(Seca)*

- Quem que...

MARILENE

- Fábio que falou. Diz que Bosco, cada dia, tá pior. Jussara, Bosco tá mesmo...

JUSSARA *(Levantando-se, agressiva)*

- E se tiver?

MARILENE

- Chi, Jussara!

JUSSARA *(Intencional)*

- Fábio devia cuidar mais da vida dele.

MARILENE

- Mas não foi Fábio, só, não. Seu pai também...

JUSSARA (*Com força*)

- Não mete meu pai nisso!

MARILENE

- Quê que você tem, hem? Você tem andado dum jeito... Bem que D. Geralda falou.

JUSSARA

- E quê que ela falou?

MARILENE

- Quer saber mesmo? Sua mãe disse que você devia ter era ficado com Joca. Foi o único que...

*Jussara olha Marilene tão fixamente, que ela cala-se e afasta-se. A câmera segue-a até à janela, onde Marilene se debruça e olha a rua. Instantes depois volta-se.*

MARILENE

- Bosco me dá medo. Antes de ser internado, toda vez que saía com a gente, parecia que só queria me comer. Teve uma vez até que...

JUSSARA (*Cínica*)

- E você? Nunca quis comer ele, não?

MARILENE (*Ofendida*)

- Jussara, eu sou noiva de Fábio, do irmão dele!

JUSSARA (*Mesmo tom*)

- E daí? Eu também sou irmã dele.

## **25 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*O corcel de Carioca e Preto entra, devagar, numa rua e pára na frente de uma casa. A Mulher, que está na janela, olha o carro, desconfiada. A câmera enquadra o corcel pelo lado de Carioca.*

CARIOCA (*Desligando o rádio*)

- Bom dia, dona. Podia me dizer por onde eu vou prum tal de Bar do Campo?

*A Mulher não responde e faz menção de sair da janela. A porta do carona abre e Preto sai do corcel, correndo. Corta para Preto e a Mulher.*

PRETO

- Ô...

*A mulher, assustada, fecha a janela.*

PRETO

- Sua velha fodida, sem educação, tá pensando o quê, hem?

*Carioca sai do corcel, correndo. Corta para Preto. Carioca aproxima-se, correndo, e segura Preto.*

CARIOCA

- Ô, Preto, caralho!

PRETO

- Me larga, porra!

CARIOCA

- Tu quer foder tudo, filho da puta?!

PRETO

- Me larga! Me larga, que eu já tô é puto cum essa gente!

CARIOCA (*Soltando Preto*)

- Tu é burro mesmo, hem, ô?

PRETO

- Burro é a puta que pariu! Ou tu pensa que é pedindo que se arruma o que se quer?

*Preto olha Carioca, tenso, e bate com força no revólver, na cintura.*

PRETO

- Esses putos só entende é isto aqui, ó!

CARIOCA

- Vambora. Vambora, que ainda temos muito que fazer.

*Carioca entra no corcel. Preto resmunga, mas começa andando em direção ao carro.*

## **26 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*Um carro da Açominas sobe a rua. Em sentido contrário, aparece o corcel de Carioca e Preto. O carro da Açominas pára. O corcel pára também. A câmara enquadra-o pelo lado de Carioca.*

CARIOCA (*Debruçando-se na janela*)

- Favor, amigão...

*Fábio, sai do carro.*

FÁBIO

- Sim?

CARIOCA

- Dava pra dizer por onde eu vou pro Bar do Campo?

FÁBIO (*Apontando a rua, atrás do corcel*)

- É por esta rua mesmo. Mas é contramão. O senhor vai ter que voltar e subir pelo outro lado. O Bar do Campo fica na Romaria.

CARIOCA

- Romaria?

FÁBIO

- É. É uma construção muito grande que...

CARIOCA (*Cortando*)

- Brigado, amigão.

## **27 - CORCEL. INTERIOR. DIA.**

*Preto, de cara fechada, olha Fábio.*

PRETO

- Já tô, ó! Ô cidade fodida!

CARIOCA

- Calma. Já, já, tu vai ter o que fazer.

PRETO

- É bom mesmo!

## **28 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*Fábio, parado, espera o corcel recuar. Carioca dá marcha a ré e sobe na calçada, quase atropelando Ulysses, que vem descendo.*

## 29 - RUA. EXTERIOR. DIA.

*Ulysses continua andando. Na porta da casa de Bosco, logo abaixo, cruza com Antônio, que está entrando.*

ANTÔNIO (*Efusivo*)  
- Veja só! Por Congonhas, a esta hora?  
ULYSSES  
- Cheguei...  
ANTÔNIO (*Ao mesmo tempo*)  
- Veio de férias ou é passeio mesmo?  
ULYSSES  
- Eu vim...  
ANTÔNIO (*Cortando*)  
- Diz que, aquilo, por lá, tá uma guerra.

*Ulysses olha Antônio, como se não tivesse entendido.*

ANTÔNIO (*Com ênfase*)  
- O Rio de Janeiro! Diz que ninguém agüenta mais aquilo!  
ULYSSES  
- É. Realmente...  
ANTÔNIO (*Ao mesmo tempo*)  
- Mas vamos entrar. Vamos entrar. A casa é sua.  
ULYSSES  
- Não. Muito obrigado.  
ANTÔNIO  
- Eu faço questão!  
ULYSSES  
- É que eu vou almoçar na...  
ANTÔNIO (*Cortando*)  
- Na casa da comadre Prisciliana? Faz muito bem. Faz muito bem. Mas não vai me fazer desfeita, não, que eu não aceito.

*Ulysses tenta afastar-se, mas Antônio segura-o por um braço.)*

ANTÔNIO  
- Não, senhor!

*Antônio empurra Ulysses para dentro da porta aberta e entra também.*

## 30 - RUA. EXTERIOR. DIA.

*O corcel de Carioca e Preto pára em frente ao Bar do Campo. Duas portas e mesas, ainda vazias, na calçada. A câmara enquadra o corcel pelo lado de Carioca. Carioca debruça-se na janela e observa a praça, atentamente, durante algum tempo.*

## 31 - CORCEL. INTERIOR. DIA.

*Preto, impaciente, olha Carioca.*

PRETO  
- Tá esperando o quê?  
CARIOCA



- Manera, porra!  
PRETO  
- Manera, o quê, caralho?! Num tem ninguém xeretando, não!  
CARIOCA  
- Por isso mesmo. Tá muito...  
PRETO (*Cortando*)  
- Tá grilado? Grila, não. Grila, não, que a gente num é ninguém, não, porra!  
CARIOCA  
- Num é ninguém, só se for tu! Que eu sou e muito! Num fosse aquele filho da puta...  
PRETO  
- Desse papo, eu já tô, ó...

### **32 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*Preto sai do corcel e anda em direção ao Bar do Campo. Uma moça vem andando na direção dele. Preto pára, olha a moça e assobia.*

PRETO  
- Depois desse tal Aleijadinho, quem mais me aleijou, nesta terra, foi você, (*Enfatiza a palavra.*) gatona!

*A moça sorri e continua andando, rebolando as cadeiras. Preto ri, com ar safado, e assobia de novo. A Moça volta-se e Preto faz o gesto de correr atrás dela. A moça anda mais rápido.*

PRETO  
- Ei! Foge, não!

*Escuta-se o barulho da porta do corcel, batida com força, e Carioca passa por Preto, em direção ao Bar do Campo.*

CARIOCA  
- Vambora. A gente num veio aqui pra...

*Carioca pára, volta-se e olha Preto.*

CARIOCA  
- Vambora, porra!

*Preto resmunga, mas começa andando.*

### **33 - CASA DE BOSCO. SALA. INTERIOR. DIA.**

*Jussara e Marilene continuam conversando.*

MARILENE  
- Ah, Jussara! Às vezes, até parece...  
JUSSARA (*Agressiva*)  
- Parece, o quê?

*Marilene não responde.*

JUSSARA (*Mesmo tom*)

- Parece, o quê? Diz. Diz o quê que parece!

*Marilene continua sem responder.*

JUSSARA (*Cínica*)

- Sabe o quê que parece?

*Marilene continua calada.*

JUSSARA (*Com força*)

- Parece que é você que tá a fim! Ou pensa que eu não sei?!

*Neste momento a porta abre e entram Antônio e Ulysses. Corta para Antônio e Ulysses, entrando.*

ANTÔNIO

- Mas, então, se o amigo não veio passar férias, só pode ter vindo, mesmo, é matar saudades. Ou não?

ULYSSES (*Embaraçado*)

- É. Quer dizer, não é bem isso, mas...

*Vê-se Marilene sorrir do embaraço de Ulysses. Ulysses nota e cala-se. Antônio puxa uma cadeira.*

ANTÔNIO

- Vamos sentar. Vamos sentar.

*Ulysses senta-se, constrangido.*

ANTÔNIO

- Jussara, minha filha, arruma um cafézinho.

ULYSSES

- Não, não. Muito obrigado.

ANTÔNIO (*Fazendo o gesto característico*)

- Nem uma... Tenho uma aí...

ULYSSES

- Não. Não. Muito obrigado.

ANTÔNIO

- Bom. Como diz o outro, gosto é gosto, e já não tá mais aqui quem falou.

*Antônio puxa uma cadeira e senta-se.*

ANTÔNIO

- Mas quer dizer, então, que o amigo, desta vez, só veio, mesmo, matar saudades...

ULYSSES

- É. Quer dizer...

ANTÔNIO (*Cortando*)

- Eu só perguntei porque, muito raro, o amigo aparece por aqui.

ULYSSES

- É. Já faz tempo, mesmo, que...

ANTÔNIO (*Continuando*)

- Eu imagino o que seja a vida por lá. Aquele corre-corre, aqueles tiros, aquela...

*Neste momento, a porta abre, com estrondo, e entra Janaína, esbaforida.*

JANAÍNA (*Ofegando*)  
- Seu Antônio! Seu Antônio! Mijaram no santinho e deram cabo dele!  
ANTÔNIO (*Com espanto*)  
- Mi...  
JANAÍNA (*Ao mesmo tempo e mesmo tom*)  
- No santo lá do trevo, Seu Antônio!

*Antônio abre a boca, mas não consegue falar, de tão espantado.*

JUSSARA  
- Credo, Janaína!  
MARILENE  
- Meu Deus!

JANAÍNA  
- O Senhor me perdoe se peço, mas aquele desgraçado merece, mesmo, é penar nas profundas do inferno! Saiu do carro, mijou no santo e acabou com ele a tiros!

*Todos se olham, chocados. Só Ulysses não se choca. Antes pelo contrário, esconde um sorriso, como se o susto dos outros amenizasse o seu constrangimento.*

ANTÔNIO (*Procurando refazer-se*)  
- É quando que...  
JANAÍNA  
- Agora, agora, Seu Antônio! Ai, que susto que eu levei, meu Deus do céu!  
JUSSARA  
- Janaína, você tem certeza?  
JANAÍNA  
- Claro que eu tenho! Eu vi, Jussara! Eu vi e a menina também viu! Primeiro, mijou no santo, e, depois, foi aquela assombração!

*Antônio, trêmulo, levanta-se, num gesto brusco.*

ANTÔNIO  
- Só matando! Só matando mesmo!  
JUSSARA  
- Credo, meu pai!  
ANTÔNIO (*A Ulysses*)  
- Eu sou contra qualquer tipo de violência, o senhor me conhece. Mas, numa hora destas...  
ULYSSES  
- Mas aquela estátua...  
ANTÔNIO (*Cortando, enfático*)  
- Meu amigo, pra quem tem fê...

*Neste momento, a porta abre e entra Geralda.*

GERALDA (*Sem reparar em Ulysses*)  
- Antônio, Bosco chegou.

*Geralda volta-se e puxa Bosco pela mão.*

GERALDA

- Entra, meu filho, e peça a benção a seu pai.

*Corta para Bosco, parado na porta, olhando o pai fixamente. Passa-se algum tempo e Bosco dá um passo. Nota-se a ansiedade estampada no seu rosto.*

BOSCO

- Pai...

ANTÔNIO (*Brusco, a Ulysses*)

- Com licença.

*Antônio passa por Bosco, com passos rápidos e sai, sem o olhar. Geralda nota Ulysses, olhando para Bosco, e fica sem saber o que dizer, totalmente constrangida. Ulysses, também constrangido, dirige-se para a porta.*

### **34 - CASA DA TIA PRISCILIANA. COZINHA. INTERIOR. DIA**

*Prisciliana e Laurentina preparam o almoço num fogão a lenha. Ulysses, sentado num banco, fuma e olha as duas. Prisciliana mexe dentro de uma panela com uma colher de pau. Nota-se, pelo seu comportamento, que Laurentina sempre gostou de Ulysses. Ainda que furtivamente, não pára de olhar para ele.*

PRISCILIANA (*Provando o conteúdo da panela*)

- Mas que idéia foi essa de vir de ônibus, meu filho? Um homem como você, agora, andar de ônibus? Isso é lá coisa que se faça, Ulysses?

*Prisciliana prova outra vez o conteúdo da panela, joga duas pitadas de sal dentro e olha Ulysses.*

PRISCILIANA

- Brigou com a Ziza, foi?

ULYSSES

- Ah, tia, que Ziza, que nada! Ziza já tá é...

PRISCILIANA (*Com espanto*)

- Ziza, o quê?

ULYSSES

- A gente separou, tia. E Ziza casou até com um grande amigo meu. Mas, o ônibus, fui eu que quis. Me deu vontade. Fazia anos que não andava mais de ônibus, entende?

LAURENTINA

- Esses ônibus são um perigo, Ulysses!

ULYSSES

- Perigo, nada, Laurentina. Avião também cai. E, além do mais, desta vez, eu...

*Ulysses cala-se, de repente, e fixa os olhos no fogão. Fica assim alguns instantes, respira fundo e olha Prisciliana, já sorrindo.*

ULYSSES

- Tia, a senhora lembra como é que eu saí daqui, há trinta anos? Foi de ônibus. E vou lhe dizer mais. Nunca mais esqueci aquele ônibus. Até hoje...

PRISCILIANA

- Mas, naquele tempo, você ainda era rapaz, Ulysses.

ULYSSES

- Tia, tia! A gente só envelhece quando esquece!

PRISCILIANA

- Mesmo assim. E, depois, também devia ter avisado que vinha. (*A Laurentina.*) Ficava aqui, como ficou das outras vezes. (*A Ulysses.*) A casa não mudou, não, viu?

LAURENTINA

- Ah, mãe, a senhora conhece Ulysses. Sempre foi de repentis.

ULYSSES

- Os repentis é que fazem a gente se sentir vivo, Laurentina. Se você soubesse como é que é a vida de professor... Todo mundo pensa que é um paraíso, mas só a gente é que sabe, viu?

*Ulysses cala-se. Levanta-se e anda até à janela. Joga o cigarro fora e olha a rua durante alguns instantes.*

PRISCILIANA

- Ulysses...

*Ulysses continua olhando a rua, sem escutar. Prisciliana olha Laurentina e sorri, num gesto cúmplice.*

ULYSSES

- Tia. Tia!

PRISCILIANA

- O que foi, meu filho?

ULYSSES

- Vem cá! Vem cá! Rápido!

*Prisciliana e Laurentina correm para a janela. Com gestos nervosos, Ulysses aponta alguém na rua. A câmera segue o olhar de Ulysses. É uma mulher. Close rápido do rosto.*

ULYSSES

- Quem é? Parece que eu conheço. E parece que ela também me conheceu. Pelo menos, me olhou de um jeito... Quem é, hem?

PRISCILIANA

- Você já esqueceu, Ulysses?

LAURENTINA

- É Darcília.

ULYSSES (*Tentando lembrar*)

- Darcília?

PRISCILIANA

- A sua primeira namorada, meu filho.

LAURENTINA (*Com ênfase*)

- Já tem até filhos homens, Ulysses!

*Ulysses não diz nada. Prisciliana e Laurentina olham-no. O rosto está vincado e uma melancolia enorme toma conta dele.*

### **35 - CASA DE BOSCO. SALA. INTERIOR. DIA.**

*Bosco está junto da mesa, ainda olhando a porta por onde saíram Antônio e Ulysses. Jussara, imóvel, olha Bosco, fixamente. Marilene, nervosa, também o olha, embora tente disfarçar.*

GERALDA

- Meu filho...

*Bosco não responde.*

VOZ DE BOSCO

- Anúncio de jornal. Aulas de silêncio. Ligue para nós e não pense. Cale-se!

GERALDA

- Bosco...

*Bosco sai, de repente, num gesto brusco.*

### **36 - CASA DA TIA PRISCILIANA. SALA. INTERIOR. DIA**

*Sentados à mesa, Ulysses, Marcos e Silviano almoçam. Prisciliana e Laurentina entram e saem, servindo as comidas e as bebidas. Os três amigos conversam e riem.*

ULYSSES

- Essa não, Marcos! Você, ex-prefeito de Congonhas?!

MARCOS

- Quê que eu podia fazer? Nem tudo pode ser perfeito, uai.

ULYSSES

- E os profetas deixaram um comunista roxo...

SILVIANO (*Ao mesmo tempo*)

- Ex-comunista roxo.

ULYSSES (*Continuando*)

- ...governar a corte celestial?

SILVIANO (*A Ulysses*)

- Os Boris e os Clintons não são compadres? Nós somos irmãos. Ou não?

MARCOS (*Rindo e apontando Silviano*)

- E ele aproveitou o parentesco pra virar capitalista.

SILVIANO (*Rindo e apontando Marcos*)

- E ele pra se eleger.

ULYSSES (*Rindo*)

- Só eu não sou irmão de ninguém. Não sou político, nem capitalista.

*Os três ainda riem, quando entra Laurentina com uma garrafa de vinho.*

ULYSSES

- Pra mim, não, Laurentina. Prefiro continuar com a loirinha.

*Laurentina serve Marcos e Silviano.*

MARCOS

- Se bem me lembro, nos nossos tempos de Belo Horizonte, você nunca desprezou.

SILVIANO

- E como!

ULYSSES

- Não. Realmente, não. Mas, depois de vinte anos de Rio, já viu.

SILVIANO (*Irônico*)

- Apurou o paladar, mestre?

ULYSSES  
- Nada. Desaprendi

MARCOS  
- E lá fora, hem? Duvido! Duvido, viu?, Dr. José Ulysses de Almeida, digníssimo comedor da virginada mundial!

ULYSSES  
- Mas isso é lá fora, meu querido. Lá fora, sabe como é, la noblesse oblige.

SILVIANO  
- Lambão!

*Os três riem.*

MARCOS  
- Mas me diga, sô. Que raio de trovoadas foi essa, que trouxe você até Congonhas, hem? Se bem me lembro, faz mais de cinco anos que...

SILVIANO  
- Saudade dos amigos ou das antigas namoradas, hem?

MARCOS *(Com espanto)*  
- Namoradas...

SILVIANO *(Cortando)*  
- Bestando, sô?! Descasado, quê que você quer que ele faça, hem? *(A Ulysses.)* Darcília ainda tá, ó...

*Ulysses, de repente, parece alhear-se da conversa.*

MARCOS *(Cutucando o braço de Ulysses)*  
- Quê que há, sô? Pensando na morte da bezerra?

ULYSSES  
- Nada.

MARCOS  
- Ah, Ulysses, deixa disso!

ULYSSES  
- Sério. Só tava me lembrando da gente em Belo Horizonte, naquele tempo.

MARCOS  
- Das missas dançantes do Minas Tênis e das putinhas enrustidas do Sion?

SILVIANO  
- E dos porres do Pelicano e do Monjolo? *(Com voz empostada.)* Bezerrada, o negócio é o seguinte. O preço da égua é cento e vinte e aqui não tem paguinte.

*Marcos e Silviano riem. Ulysses, sério, abana a cabeça.*

ULYSSES  
- Se eu pudesse voltar atrás...

MARCOS  
- E pra quê? Voltar atrás...

ULYSSES

- Tô falando sério, Marcos. Pelo menos, não taria, agora, me questionando.

SILVIANO

- Questionando? Mas questionando o quê? Não ter levado porrada no DOPS? Eu também não levei, e não tô nem aí. Ulysses, essa coisada já passou. Já morreu. E, o pior, é que não resolveu merda nenhuma. Quem se danou, danou, e quem mamou, mamou.

ULYSSES

- Eu sei disso, Silviano.

SILVIANO

- Então?!

ULYSSES

- Mas, mesmo assim... Olha, uma coisa eu digo a você, Silviano. Se a gente não volta ao passado, nem que seja só pra lamentar o que não fez, a gente se fica sem raízes, entendeu?

MARCOS

- Foi isso que trouxe você a Congonhas? Ulysses...

SILVIANO (*Ao mesmo tempo, rindo*)

- E logo num ônibus da Cometa? Danou-se!

*Ulysses não responde.*

MARCOS

- Ulysses...

ULYSSES (*Como se pensasse em voz alta*)

- Foi num ônibus da Cometa que eu saí de Belo Horizonte, há mais de vinte anos.

### **37 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. DIA.**

*Carioca e Preto entram. É um bar típico de cidade do interior. Garrafas de bebidas baratas nas prateleiras e vidros com balas e doces em cima do balcão, junto da caixa. No fundo, uma mesa de sinuca. O bar está vazio. Só dois bêbados bebem, num canto do balcão. Jofre está junto da caixa. Preto encosta-se no balcão, perto de Jofre.*

PRETO

- Ô, porra...

JOFRE

- Eu não sou po...

PRETO (*Cortando*)

- Tu num é o quê?

JOFRE (*Enfático*)

- Meu nome é Jofre.

PRETO (*A Carioca, rindo*)

- Tu tá vendo? Essa porra tem nome.

CARIOCA (*A Jofre*)

- Duas branquinhas. Mas da boa.

PRETO

- Cadê o portuga?

JOFRE

- Portu...

PRETO (*Cortando*)

- É. O dono desta porra.



JOFRE  
- Não é portuguesa. Chama Seu Nilo.  
PRETO  
- Seu Nilo? (*A Carioca*) O porra num é portuguesa, não?  
JOFRE (*Digno*)  
- Chama Seu Nilo.  
CARIOCA  
- A gente quer falar cum ele.  
PRETO  
- Que horas que...  
JOFRE  
- Não tem hora, não. Às vezes...

*Preto agarra Jofre pela gola da camisa.*

PRETO  
- Num tem hora?  
CARIOCA (*A Preto*)  
- Ô...

*Preto larga Jofre, que olha Carioca, tremendo. Carioca sorri e encolhe os ombros, como quem diz, não liga, e aponta a mesa de sinuca.*

CARIOCA  
- Dá prá gente... O meu amigo Preto é meio invocado, mas é gente boa.  
PRETO  
- Mas num dá bandeira, não. Senão, ó...

*Preto abre a camisa e mostra o revólver na cintura. Jofre serve as cachaças, pega a caixa das bolas, debaixo do balcão, e entrega-a a Carioca.*

CARIOCA (*Bebendo*)  
- Quando esse tal de Seu Nilo chegar, diz que a gente quer falar cum ele.  
PRETO (*Bebendo*)  
- Mas se cuida, malandro. Se cuida. A gente num tem nada contra tu. (*Frisando a palavra.*) Ainda.

*Carioca e Preto dirigem-se para a mesa de sinuca. Preto rindo e gingando o corpo, e Carioca, atrás, olhando Jofre.*

### **38 - CASA DA TIA PRISCILIANA. QUINTAL. EXTERIOR. DIA.**

*Ulysses, Marcos e Silviano, tomam café no quintal, após o almoço. A cena tem um clima fortemente bucólico. A câmera, após dar uma panorâmica do ambiente, aproxima-se e a conversa fica audível.*

ULYSSES (*Acendendo um cigarro*)  
- Sabe? Tem hora que eu... Sei lá. Tudo que eu quis da vida, eu consegui. As minhas teses sobre Barroco correm mundo, mestrado na USP, doutorado na Sorbonne... Enfim, tudo que eu quis, eu consegui. Só que não era o que eu queria. Era o que eu pensava que queria, mas não era o que eu queria. O que eu queria, mesmo...

*Ulysses cala-se e, por instantes, fixa o olhar num ponto qualquer, fora de cena. De repente, puxa uma tragada profunda e sopra o fumo com força.*

ULYSSES

- Sabe? Até agora eu só caguei teorias. O fato de eu dizer que, até no seu mais profundo sofrimento, o nosso Aleijadinho deixou estampada a marca do seu prazer, por ser um criador, nada acrescenta à sua obra. Nada Mas é só isso que eu sei fazer. Cagar teorias.

*Ulysses cala-se e, novamente, fixa o olhar num ponto qualquer, fora de cena. Fica assim alguns instantes e abana a cabeça com força.*

ULYSSES

- O que me angustia, entende?, é essa cagação. De mim nada restará. Eu não sou um criador. Até os meus filhos, parece que nem fui eu que os criei. Dois não falam comigo e um mal me conhece.

*Silviano mexe-se e quer interromper. Marcos faz um gesto rápido e Silviano imobiliza-se.*

ULYSSES

- Tem muita gente por aí que me inveja. E eu fico pensando: esses bostas são mais felizes do que eu. Sabe por quê? Porque não invejam o que eu invejo. O que eu invejo...

*Ulysses cala-se e olha à volta. A câmera segue o olhar de Ulysses, mostrando a mangueira, a gangorra, os mamoeiros, o paiol, a goiabeira, o poleiro das galinhas, etc.*

VOZ DE ULYSSES

- O que eu invejo é isto.

*Corta para Ulysses.*

ULYSSES

- Estas raízes.

*Ulysses puxa uma tragada profunda e, num gesto brusco, joga o cigarro no chão.*

ULYSSES

- Estas raízes, Silviano, que eu nunca soube plantar.

### **39 - AÇOMINAS. PÁTIO. EXTERIOR. DIA.**

*Eduardo, com capacete, mas usando a roupa com que chegou, e Fábio, vestido com uniforme de trabalho, saem da usina de fundição e andam em direção ao escritório.*

EDUARDO

- Você entendeu o problema? Questão de lógica, meu caro. Mera questão de lógica. Se um mecanismo foi montado para dar um determinado resultado e não dá, o problema não

é do mecanismo. O problema é de quem montou o mecanismo, entendeu? As coisas são o que são e, fora disto, não há mais o que fazer.

*Eduardo pára e Fábio pára também.*

EDUARDO

- Só que as pessoas têm medo e passam a vida acendendo velas pra Deus e pro Diabo. Como se Deus ou o Diabo pudessem fazer alguma coisa.

*Eduardo cala-se e olha o pátio deserto durante alguns instantes.*

EDUARDO

- Se houvesse mais racionalismo e menos improvisação, tudo seria bem mais simples. Pão era pão e queijo era queijo, e o resto era só resto, entendeu? (*Sorri e bate uma palmada leve no ombro de Fábio*) Mas chega de teorias.

*Eduardo começa andando e Fábio acompanha-o.*

EDUARDO

- Teorias só prestam, sabe pra quem? Pros analistas. Eles é que ganham dinheiro com besteiras. Algum programa pra logo mais?

FÁBIO

- Talvez sair com Marilene, a minha noiva.

EDUARDO (*Rindo*)

- Talvez?

FÁBIO (*Rindo também*)

- É. Se ela me escutasse, me xingava. Dr. Eduardo, por quê que o senhor não vem com a gente, hem?

EDUARDO

- E será que eu não vou...

FÁBIO (*Enfático*)

- Mas claro que não! Será um prazer, pôxa!

EDUARDO

- Tá bom. Então, eu aceito. E onde vocês tão pensando...

FÁBIO

- Talvez no...

EDUARDO (*Rindo*)

- Talvez?

FÁBIO (*Sorrindo, encabulado*)

- É o meu jeito. A gente sempre vai no Bar do Campo. Se o senhor quiser, nós podemos passar no hotel e...

EDUARDO

- Pra quê passar no hotel?

FÁBIO

- É que o senhor ainda não conhece...

EDUARDO (*Cortando, superior*)

- Eu encontrarei esse Bar do Campo, não se preocupe. Já encontrei coisas muito mais difíceis.

*Continuam andando e entram no escritório.*

#### **40 - CASA DE BOSCO. QUARTO DELE. INTERIOR. DIA.**

*Paredes nuas, pintadas de branco, um guarda-roupa velho, uma cama de ferro e uma mesa-de-cabeceira. A porta abre e entra Geralda. Bosco entra atrás dela e olha o quarto, espantado. O ambiente parece mais hospitalar do que familiar.*

GERALDA

- Você gostou? Seu pai não queria nem limpar.  
Mas eu pedi a Fábio e ele arrumou um moço  
que pintou.

*Bosco, calado, continua olhando as paredes brancas e nuas.*

GERALDA (*Aprensiva*)

- Não gostou, não?

*Bosco continua calado.*

VOZ DE BOSCO

- Só morrendo se pode responder.

GERALDA (*Tentando amenizar*)

- Foi o médico que falou. Lembra, quando ele  
perguntou como era o seu quarto?

BOSCO

- Cadê...

GERALDA

- Cadê o quê, meu filho?

BOSCO

- Os meus livros.

GERALDA

- Ah, meu filho...

BOSCO (*Ao mesmo tempo*)

- Quem que...

GERALDA (*Continuando*)

- ...quando o moço veio pintar, precisou tirar, e  
eu dei prá biblioteca lá da escola.

*Bosco tapa o rosto com as mãos.*

VOZ DE BOSCO

- Não é dando que se recebe!

GERALDA

- Meu fi...

BOSCO (*Cortando, brusco*)

- Me deixa, mãe. Me deixa!

GERALDA

- Bos...

BOSCO (*Gritando*)

- Mãe!

*Geralda sai. Bosco senta-se na beira da cama e olha a parede onde devia estar a estante com os livros.*

VOZ DE BOSCO

- Só Deus deve matar. Mas se eu tiver um filho,  
ele também vai poder matar. Me matar.

*A parede começa a movimentar-se e, na textura, aparecem os contornos de uma figura humana. Bosco levanta-se de um salto e bate na parede. A figura esquiva-se e, de repente, agarra Bosco com violência.*

#### **41 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. DIA.**

*Carioca e Preto continuam jogando sinuca. O bar já tem algumas mesas ocupadas. Os dois bêbados continuam junto do balcão.*

BÊBADO 1

- Seu Jofre, bota mais uma.

*Jofre, junto da caixa, faz de conta que não escuta.*

BÊBADO 2

- Seu Jofre...

*Corta para Carioca e Preto. Preto pára de jogar.*

PRETO

- Ô! Num tá escutando, não?

CARIOCA

- Ô...

PRETO

- Ô, o cacete! *(Gritando.)* Atende a porra do freguês!

*Corta para Jofre e os dois bêbados. Jofre enche os copos. O Bêbado 1 aproxima-se da mesa de sinuca com o copo na mão.*

BÊBADO 1

- Brigado, viu, patrão?

*Corta para Carioca e Preto. Bêbado 1 aproxima-se, pára junto de Preto e olha-o com atenção.*

BÊBADO 1

- Eu lhe conheço?

PRETO

- Conhece, o quê, porra?!

CARIOCA *(Ao Bêbado 1)*

- Ô...

BÊBADO 1 *(A Preto)*

- Eu vou lá prá's terras do Satanás...

*Preto puxa o revólver e mete o cano na boca do Bêbado 1.*

PRETO

- E vai, mesmo, caralho!

CARIOCA

- Ô, Preto, porra!

*Preto guarda o revólver e Carioca dá um empurrão no Bêbado 1.*

CARIOCA

- Vai! Vai!

*O Bêbado 1 olha Preto com raiva e afasta-se, resmungando.*

BÊBADO 1

- Satanás! Satanás!  
VOZ DE SILVIANO  
- Jofre, traz duas. Bem geladas!

*Corta para Ulysses, Marcos e Silvano, sentados junto da porta. Ulysses acende um cigarro. Puxa uma tragada profunda e sopra o fumo com força. Marcos ri.*

MARCOS  
- Mas quer dizer que você largou aquele marzão todo e se mandou pra Congonhas, assim à toa, à toa?

*Ulysses olha Marcos durante alguns instantes e encolhe os ombros.*

ULYSSES  
- É...  
MARCOS  
- E você teve coragem de largar aquelas cariocas bundudas, assim sem mais nem menos? Ah, Ulysses, tenha dó! (*A Silvano.*) Eu, se fosse ele, se tivesse aporrinhado, sabe o quê que eu fazia?  
SILVIANO  
- Chupava cana.

*Jofre traz as cervejas, enche os copos e vai servir outra mesa.*

MARCOS  
- Ah, prá merda! Pegava três ou quatro daquelas, bem bundudas, sabe como?, e, ó, me trancava num hotel, num puta quarto, e jogava a chave na privada.  
SILVIANO  
- Isso, você, que só vê bundas na sua frente.

*Ulysses bebe um gole, devagar, olhando a pracinha.*

MARCOS  
- E você, não?  
SILVIANO  
- Eu?  
MARCOS  
- Você não, porque a tua mulher te traz aqui, ó, pelo cabresto!

*Silvano ri e levanta um braço. Jofre aproxima-se da mesa.*

JOFRE  
- Torresminho, Dr. Silvano?

*Silvano acena com a cabeça e Jofre vai apanhar o torresmo, atrás do balcão*

VOZ DE PRETO (*Gritando*)  
- Ó!

*Corta para Carioca e Preto. Preto aponta a garrafa de cerveja, na mesa ao lado do bilhar.*

PRETO  
- Ó.

*Corta para Jofre. Jofre larga o prato do torresmo em cima do balcão e corre para pegar uma garrafa de cerveja.*

VOZ DE MARCOS  
- Volta quando?

*Corta para Ulysses, Marcos e Silviano.*

MARCOS  
- Ulysses...

*Ulysses não responde. Apenas encolhe os ombros. Neste momento, Darcília, acompanhada de dois filhos, passa do outro lado da rua. Marcos e Silviano não reparam, ainda olhando para Ulysses. Ulysses segue Darcília com os olhos e, quando deixa de a ver, levanta-se.*

MARCOS  
- Quê que foi, sô?! Deu formiga no seu rabo?  
ULYSSES  
- Vou dar uma volta.  
MARCOS  
- Mas quê que...  
ULYSSES (*Cortando*)  
- A gente se vê depois. Tchau.

*Ulysses sai.*

MARCOS  
- Quê que deu nele, hem?  
SILVIANO  
- E eu sei?!  
MARCOS  
- Não tá esquisito, não?

*Silviano não responde. Encolhe os ombros, pega o copo e bebe dois goles, devagar.*

MARCOS (*Fazendo o gesto característico*)  
- Ulysses só pode tar é, ó!

## **42 - LARGO DOS PASSOS DA VIA-SACRA. EXTERIOR. DIA.**

*Ulysses sobe o largo, cabisbaixo. Como se nada existisse à sua volta e ele nada encontrasse dentro de si mesmo. A câmara explora, com detalhes, a angústia estampada no seu rosto e nos seus gestos.*

## **43 - ADRO DOS PROFETAS. EXTERIOR. DIA.**

*Ulysses entra no adro. Anda devagar e pára junto da estátua do Profeta Habacuc, sem perceber Antônio, sentado ao pé da estátua do Profeta Jonas. Ulysses debruça-se na mureta e fica imóvel, o olhar perdido no infinito. Antônio olha Ulysses durante alguns instantes e, depois, aproxima-se, sorridente.*

ANTÔNIO  
- Ora, veja só quem...

*Ulysses, absorto, não responde.*

ANTÔNIO

- Quer dizer que...

*Ulysses continua imóvel, sem responder.*

ANTÔNIO *(Com força)*

- O amigo não...

*Ulysses permanece na mesma posição, como se não percebesse a presença de Antônio. Antônio olha Ulysses durante algum tempo, como que pensando no que deverá fazer, e, de repente, afasta-se, com passos bruscos.*

ANTÔNIO

- Ora, onde já se viu! Não conhecer nem os amigos!

#### 44 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. DIA.

*O bar já está mais cheio. Eduardo, Fábio e Marilene bebem cerveja. Numa mesa próxima também estão Marcos e Silviano. Carioca e Preto continuam jogando sinuca. Uma mulher jovem, bonita, sai do banheiro e passa junto da mesa. É Dalva, moça de programa, que faz ponto no Bar do Campo. Preto olha-a e assobia. Ela olha Preto com desdém e senta-se numa mesa junto da porta. Chama Jofre. Jofre aproxima-se.*

DALVA

- Seu Jofre, o Quim...

JOFRE

- Ele disse que não vem hoje, não, Dalva.

DALVA *(Sorrindo, como que aliviada)*

- Então me traz um guaraná, Seu Jofre. Mas diet, viu?

*Corta para Eduardo, Fábio e Marilene. Percebe-se que Marilene se vestiu e maquiou para o encontro. Eduardo e Fábio usam roupa esporte. Eduardo acaba de beber e ainda tem o copo na mão.*

EDUARDO

- Como eu tava dizendo, um bom profissional...

MARILENE *(Cortando)*

- Mas, aqui, pra Fábio, não tem mais nada. Aqui...

*Eduardo olha Marilene e coloca o copo em cima da mesa.*

EDUARDO

- O que eu queria dizer, é que, se Fábio acha melhor ficar aqui, a opção deve ser dele. Cada um deve fazer sempre aquilo que acha que é certo.

MARILENE

- Mas, ficar aqui, pra quê? Pra morrer pastando?

FÁBIO

- Marilene...

MARILENE *(Enfática)*

- É isso mesmo, Fábio! Aqui você nunca vai ser nada! *(A Eduardo.)* Por isso, é que eu disse a



ele, Fábio, já que esse senhor é teu amigo, quem sabe ele pode...

FÁBIO (*Cortando*)

- Marilene, o Dr. Eduardo não veio a Congonhas pra isso. Por favor!

*Marilene cala-se. Fábio, ainda constrangido, bebe um gole e coloca o copo em cima da mesa.*

FÁBIO

- E o nosso passeio de logo mais, Dr. Eduardo? O senhor ainda...

EDUARDO

- Mas é claro! A menos que...

FÁBIO (*Enfático*)

- Mas de jeito nenhum, Dr. Eduardo! De jeito nenhum! (*A Marilene.*) Logo mais eu vou mostrar Congonhas pro Dr. Eduardo. É a primeira vez que ele vem aqui e...

*Marilene, amuada, pega o copo e bebe, e Fábio cala-se. Percebe-se um certo constrangimento no ambiente.*

EDUARDO

- Fábio, se você não puder...

FÁBIO (*Cortando, enfático*)

- Mas é claro que eu posso, Dr. Eduardo! É claro que eu posso!

*Marilene olha Fábio, ressentida. Fábio desvia o olhar.*

VOZ DE PRETO

- Ô!

*Corta para Carioca e Preto. Preto aponta a garrafa de cerveja, na mesa ao lado do bilhar.*

PRETO

- Ô.

*Corta para Jofre, correndo para pegar uma garrafa de cerveja.*

VOZ DE CARIOCA

- Tô pensando.

*Corta para Carioca e Preto. Preto deitado sobre a mesa, avalia a dificuldade da jogada. Carioca, apumado no taco, olha Preto.*

CARIOCA

- Sabe o quê que a gente vai fazer, quando esta porra acabar?

*Preto olha Carioca, sem sair da posição.*

CARIOCA

- Já bolei tudo. Numa boa!

*Preto continua olhando Carioca.*

CARIOCA

- Seqüestro.

*Preto pula da mesa.*

PRETO

- Porra, meu irmão! Que piração...

CARIOCA (*Cortando*)

- Piração porra nenhuma. Seqüestro é que dá grana. Tá vendo aquela zinha lá?

*Corta para Marilene, ainda amuada.*

VOZ DE CARIOCA

- Quanto acha que ela vale?

*Corta para Carioca e Preto.*

PRETO (*Rindo*)

- Aquilo? Se valer, vale uma foda. E olhe lá!

CARIOCA

- Tu só pensa nisso.

PRETO

- E tu só diz besteira. Seqüestro é pra quem pode. Pra quem tem amigo na polícia, ou tu pensa que...

CARIOCA (*Cortando*)

- Quando a gente acabar, tu vai ver.

PRETO

- Quando esta merda acabar, eu quero é sombra e água fresca, meu irmão!

CARIOCA

- Eu quero é grana. Tirar o pé da lama e viver que nem bacana. Fodendo todo mundo e cagando na polícia, entendeu?

*Preto olha as bolas, preparando-se para fazer a jogada.*

PRETO

- E eu não?

CARIOCA

- Então, fica frio. Fica frio, que o que mais tem por aí é babaca dando sopa.

*Preto olha Carioca, durante alguns instantes, e abana a cabeça, num gesto de incredulidade.*

#### **45 - CASA DE BOSCO. QUARTO DELE. INTERIOR. DIA.**

*Bosco está sentado na cama, olhando a parede, onde ainda parece mexer-se a figura da seqüência 40.*

VOZ DE BOSCO

- O universo não cresce. As estrelas é que brilham.

*A porta abre e entra Fábio.*

FÁBIO

- Mamãe disse que você tava aqui, e eu... E aí? Como é que você tá, hem? Tudo em cima?

*Bosco não responde.*

VOZ DE BOSCO

- A imagem é vida, o movimento é suicídio.

FÁBIO

- Desculpa não ter ido te apanhar, mas é que eu fiquei por conta de um cara, um engenheiro que veio de São Paulo, e ele me alugou o dia todo.

*Fábio cala-se. Bosco continua calado, imóvel, olhando a parede.*

VOZ DE BOSCO

- O prazer...

FÁBIO

- Mas, me conta, sô!

VOZ DE BOSCO (*Ao mesmo tempo*)

- ... não está no movimento.

FÁBIO (*Continuando*)

- Mamãe disse que você veio de vez. É verdade? Mas você não vai estranhar nada, não. A não ser alguns porras-loucas que se mandaram, o resto tá todo mundo por aí. Noca, que estudou com você em Belo Horizonte, Serjão, Mico Rei, Tatu... Lembra de Tatu?

VOZ DE BOSCO (*Ao mesmo tempo*)

- As palavras...

FÁBIO (*Continuando*)

- Tatu casou.

VOZ DE BOSCO (*Continuando, ao mesmo tempo*)

-... são apenas movimentos.

FÁBIO (*Continuando*)

- Se amarrou na filha de Seu Tonho, Nisinha, aquela baixinha, dentucinha, lembra dela? Dava pra todo mundo, lembra, não? Pois Tatu se amarrou nela, veja só!

*Bosco continua olhando a parede e Fábio cala-se.*

VOZ DE BOSCO

- A viagem do verbo pára na gramática.

FÁBIO

- Hoje, eu tive um dia do cacete. Marilene me aprontou uma, que eu vou te contar! Você sabe que Marilene sempre quis sair daqui e sempre me aporrinhou por causa disso. Mas, hoje, ela passou das marcas, puta que pariu! Imagina que távamos lá no Bar do Campo e ela queria, porque queria, que o tal cara me arrumasse um emprego lá em São Paulo. E eu puto, e ela nada. Mas, aí, eu dei um chega pra lá e pronto. Ficou puta, mas valeu. Pô, ainda nem casou e já quer montar na gente!

*Bosco fecha os olhos e Fábio cala-se, como se não soubesse mais o que dizer, e olha a porta.*

FÁBIO

- Bem. Deixa eu...

*Fábio dá um passo na direção da porta, e ela abre e entra Jussara. Jussara, ao ver Fábio, pára, espantada e, ao mesmo tempo, contrariada. Como se não imaginasse poder encontrar Fábio no quarto de Bosco.*

JUSSARA (*A Fábio*)

- O jantar já tá pronto.

FÁBIO

- Já?

JUSSARA (*Seca*)

- Já.

FÁBIO

- Então, deixa eu ir, que...

*Fábio sai, quase correndo. Jussara olha Bosco e olha a porta. Fecha-a e encosta-se nela. Bosco abre os olhos e fixa-os na parede.*

JUSSARA

- Bosco.

*Bosco não responde e Jussara aproxima-se.*

VOZ DE BOSCO

- Eu não quero...

JUSSARA

- Bosco.

*Bosco continua sem responder e Jussara toca-lhe o rosto com a ponta dos dedos.*

VOZ DE BOSCO (*Continuando*)

- ...que me...

JUSSARA

- Bosco.

*Bosco não se mexe e Jussara encosta-se nele, tapando a visão da parede.*

VOZ DE BOSCO (*Continuando*)

... castrem..

JUSSARA

- Bosco.

*Bosco continua na mesma posição e Jussara puxa a cabeça dele contra o regaço.*

VOZ DE BOSCO (*Continuando*)

- ... com bocetas que eu não fodo.

JUSSARA (*Gritando*)

- Bosco!

*Jussara aperta a cabeça de Bosco, com força, contra o corpo. Bosco não corresponde e Jussara, descontrolada, bate nele. Mas não é uma agressão. Na verdade, Jussara agarra-se a Bosco, com desespero. Como se estivesse purgando, com aquela violência, o sentimento da culpa que sente por desejar o irmão.*

VOZ DE BOSCO (*Gritando, a cada batida de Jussara*)

- Mas que eu quero! Que eu desejo!

**46 - ADRO DOS PROFETAS. EXTERIOR. ENTARDECER.**

*Eduardo, com a mesma roupa da seqüência 44, entra no adro, vindo do Largo dos Passos da Via-sacra. Ulysses continua debruçado na mureta, junto da estátua do Profeta Habacuc. Eduardo pára e, sem parecer notar Ulysses, olha a estátua do Profeta Abdias. Olha, durante alguns instantes, o dedo do Profeta, apontando para o céu, como se fosse um sinal de advertência e, de repente, ri e desce, devagar, o Largo dos Passos da Via-sacra.*

#### **47 - LARGO DOS PASSOS DA VIA-SACRA. EXTERIOR. ENTARDECER.**

*Eduardo espia o interior de uma das capelas e, sem denotar maior curiosidade ou encanto, acende um cigarro e afasta-se, indiferente.*

#### **48 - IGREJA DO BOM JESUS. EXTERIOR. ENTARDECER.**

*Maria Germana deixa a equipe fotográfica ao lado da igreja e afasta-se, procuranedo novas locações. Entra no Adro dos Profetas e vê Ulysses, debruçado na mureta, chorando convulsivamente. Espantada e, ao mesmo tempo, curiosa, Maria Germana pára e observa Ulysses. Passa-se algum tempo e Ulysses continua na mesma posição, sempre chorando convulsivamente. Maria Germana aproxima-se. Ulysses percebe e afasta-se com passos rápidos. Maria Germana fica olhando o vulto de Ulysses até ele sumir na distância.*

#### **49 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo, com a mesma roupa da seqüência 47, anda por uma ruela. Pára e olha à volta, curioso. Acende um cigarro e puxa uma tragada, e continua andando. Um pouco à frente vê-se uma escadaria de pedra, aberta no muro. No topo, está uma mulher jovem e belíssima, vestida de branco, dividida entre a luz e a escuridão. É Helena.*

HELENA

- Eduardo.

*Eduardo pára e olha para cima, procurando ver de onde vem a voz. Ao ver Helena recua um passo, espantado.*

EDUARDO (*Aturdido, mas, ao mesmo tempo, curioso*)

- Quem... Quem é você?

HELENA

- Eu tava te esperando.

EDUARDO (*Já recomposto, rindo*)

- Esperando? Por mim?

HELENA

- É. Por você.

EDUARDO

- E você sabe quem eu sou?

HELENA

- Se eu não soubesse, não poderia esperar.

*Helena começa descendo a escadaria.*

EDUARDO

- Foi Fábio?

HELENA

- Quem é Fábio?

EDUARDO

- Não foi ele que...

HELENA

Não se pode esperar sem conhecer, Eduardo.

EDUARDO

- Como é que você sabe o meu nome?

HELENA

- Eu sei. Eduardo. Eduardo da Cunha Júnior.

EDUARDO (*Com espanto*)

- Mas como...

HELENA (*Suave*)

- Só se deve perguntar o que se pode responder.

EDUARDO (*Após uma pausa, já recomposto, rindo*)

- Você acredita nisso?

HELENA

- Você, não?

EDUARDO (*Seguro e incisivo*)

- Claro que eu acredito!

HELENA

- Então, eu não preciso responder.

EDUARDO

- Mas você...

HELENA (*Continuando*)

- Se você só pergunta o que pode responder, você sabe quem eu sou.

*Eduardo não responde. Helena desce o último degrau da escadaria e começa andando. Eduardo segue-a, ainda confuso, mas, ao mesmo tempo, fascinado. Passam Laurentina e Jussara, mas, apesar da figura belíssima de Helena, nenhuma delas parece vê-la. Mas reparam no ar aturdido de Eduardo e andam mais depressa. Eduardo aproxima-se de Helena.*

EDUARDO

- Afinal, quem é você?

*Helena olha Eduardo, fixamente, durante alguns instantes e, depois, sorri.*

HELENA (*Suave*)

- Você sabe o que é felicidade?

EDUARDO

- Felicidade? (*Incisivo, quase rude.*) Claro que eu sei o que é felicidade.

HELENA (*Suave*)

- Eu sou feliz. Não tenho dúvidas.

*Helena começa andando. Eduardo, após uma pequena hesitação, segue-a.*

EDUARDO

- Nem eu!

*Helena pára e volta-se.*

HELENA

- Então, você devia ser feliz. (*Incisiva*) E você não é.

*Eduardo pára, como que detido pelas palavras de Helena, e olha-a, ainda mais surpreso. Helena ri e começa se afastando, andando para trás, sempre de frente para Eduardo, que fica estático.*

HELENA

- Você não perguntou quem eu era?

EDUARDO

- Perguntei. Se não sei quem você é...

HELENA (*Sorrindo*)

- E não quer me conhecer?

EDUARDO

- Pensando bem...

HELENA (*Cortando*)

- Não pense.

EDUARDO

- Mas como...

HELENA (*Ao mesmo tempo*)

- Queira. (*Com força.*) Queira, Eduardo!  
(*Suave.*) Se você me quiser, eu voltarei.

*Helena some na escuridão de uma curva e Eduardo continua parado, estático. Após alguns instantes recupera-se e corre atrás dela. Mas, ao ultrapassar a curva, só vê o vazio. A ruela está deserta e Helena desapareceu.*

## **50 - CASA DE BOSCO. SALA. INTERIOR. NOITE.**

*A família está jantando. Antônio, Geralda, Bosco, Jussara e Fábio. Todos comem em silêncio e o clima é tenso. Bosco olha, disfarçadamente, Antônio, ansioso por chamar a atenção do pai. Na realidade, Bosco sempre quis e tentou agradá-lo. Mas nunca conseguiu. Janaína aparece na porta da cozinha.*

JANAÍNA

- Alguém quer mais arroz? Ainda tem, viu?

*Ninguém responde e Janaína entra na cozinha. Jussara olha Bosco, fixamente. Geralda percebe o olhar de Jussara, mas baixa a cabeça e não diz nada.*

BOSCO

- Pai...

*Antônio não dá atenção e Bosco cala-se.*

FÁBIO

- Hoje me aconteceu uma. Marilene...

*Jussara olha Fábio e ele cala-se. Bosco pára de comer e coloca os talheres no prato.*

BOSCO

- Pai...

*Antônio não dá atenção e Bosco cala-se. Jussara olha Bosco. Antônio pára de comer e circunvaga o olhar pela mesa, sem fixar ninguém.*

ANTÔNIO

- Hoje também foi o meu dia.

BOSCO (*Ansioso, tentando agradar*)

- Por quê, pai? Quê que...

ANTÔNIO (*Continuando, sem olhar Bosco*)

- De manhã, aquela barbaridade lá no trevo, e, agora, à tarde...

*Bosco abre a boca, mas baixa a cabeça e não diz nada. Jussara continua a olhá-lo, fixamente.*

ANTÔNIO (*Continuando*)

- Ô trem mais esquisito, sô!  
FÁBIO  
- Algum problema, papai?  
ANTÔNIO  
- Uma bobagem, filho. Uma bobagem.  
FÁBIO  
- Mas quê que foi? Algum...

*Bosco mexe-se na cadeira, como se procurasse criar coragem.*

ANTÔNIO  
- Foi lá no adro. Imagina que, um sujeito que eu conheço...  
BOSCO (*Sem poder controlar-se*)  
- Quem que foi, pai?

*Antônio não responde, nem olha Bosco. Olha Geralda, que continua de cabeça baixa.*

ANTÔNIO  
- Comadre Emília é que...

*Geralda continua de cabeça baixa e não responde.*

BOSCO (*Nervoso, ao mesmo tempo*)  
- Pai...

*Antônio olha Bosco, o rosto contraído num ricto de furor.*

ANTÔNIO  
- Quer saber, mesmo? Foi um louco. Um vagabundo que nem você!

## **51 - COLONIAL HOTEL. APARTAMENTO DE EDUARDO. INTERIOR. NOITE.**

*Eduardo, com a mesma roupa da seqüência 49, está encostado na janela, fechada, fumando. Toca o telefone na mesa-de-cabeceira. Eduardo joga o cigarro no chão e atende no primeiro toque.*

EDUARDO (*Ansioso*)  
- Alô! (*Decepcionado*) Sim, Fábio. O quê? Não esqueci, não. Não, não. Não foi isso, não. É que eu tive... Não, não. Tá tudo bem. Amanhã, a gente vai. Sem falta. Sim, mesma hora. Certo. Obrigado, Fábio. Pra você também.

## **52 - COLONIAL HOTEL. RESTAURANTE COVA DO DANIEL. INTERIOR. NOITE.**

*Ulysses está jantando numa mesa junto da parede. Só. Maria Germana e a equipe fotográfica ocupam uma mesa grande, no centro do salão. Conversas em voz alta, risos. Maria Germana olha Ulysses e os olhares cruzam-se. Maria Germana sorri e escreve algo no guardanapo de papel. Chama um garçom e manda entregar o torpedo a Ulysses. Ulysses lê e, curioso, olha Maria Germana, que continua sorrindo.*

## **53 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.**

*O bar iniciou a jornada da noite. Mesas lotadas, música, barulho, risos, falas em voz alta, bêbados encostados no balcão, mulheres circulando e uma moça*



*tomando conta da caixa. Carioca e Preto pararam de jogar e, sentados, observam o ambiente e conversam em voz baixa. Entram os membros da equipe fotográfica. Olhares de desejo dos homens e de inveja das mulheres. Jofre corre e afasta mesas e cadeiras, e consegue arrumar lugar para todo mundo sentar. Preto pára de conversar e olha as modelos.*

PRETO (*Rindo*)

- Tá pra nós, meu irmão! Tá pra nós!

*Lisa, uma das modelos, olha-o e sorri. Preto ri e esfrega as mãos, e cutuca Carioca.*

PRETO

- Ó, só, meu irmão! Ó, só! Ó, só, que pé de boceteir

CARIOCA

- Será que num pode ver mulher, não, puta que pariu?!

PRETO

- E tu pode? Xacomigo, meu irmão! Xacomigo! Xacomigo, que, na hora, tu vai ver.

#### **54 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo, com uma roupa diferente da seqüência 51, anda, devagar, por uma ruela, fumando, olhando as portas e janelas das casas, como se procurasse alguma coisa. De repente, aparece uma esquina e Eduardo pára. Hesita alguns segundos, mas começa andando e dobra a esquina.*

#### **55 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo acaba de dobrar a esquina e olha a ruela à sua frente. As casas são todas parecidas. O ambiente tem algo de onírico e Eduardo parece estranhar isso. De repente, Eduardo pára, o olhar fixo numa das portas. Envolto em sombras, percebe-se um vulto de mulher. Ansioso, Eduardo aproxima-se. O vulto sai da sombra. É Helena.*

HELENA

- Viu? Você quis e eu voltei.

EDUARDO (*Como se falasse consigo mesmo*)

- É verdade. Realmente, eu quis.

HELENA (*Mesmo tom*)

- Eu sei. Por isso, eu tô aqui.

EDUARDO (*Mesmo tom*)

- Mas eu ainda não...

HELENA (*Cortando, mas suave*)

- E isso importa, Eduardo? O importante é que você quis e eu voltei.

EDUARDO (*Como que irritado consigo mesmo*)

- Eu sei que fui eu que quis, mas...

HELENA (*Irônica, mas carinhosa*)

- Eu vim sem avisar, não foi? Sabe qual é o seu problema, Eduardo? Você diz que sabe o que é felicidade, mas tem medo de ser feliz.

*Passam Janáina e Marilene. Ao verem Eduardo parado, olham-no, desconfiadas, e andam mais depressa. E não parecem ver Helena. Eduardo olha Helena, fixamente, durante alguns segundos, como se quisesse apreender o significado mais profundo do que está acontecendo.*

EDUARDO (*Como se pensasse em voz alta*)

- Não é possível. Eu nunca...

HELENA

- Nunca? O que é nunca, Eduardo?

*Eduardo não responde.*

HELENA

- Você tem medo porque não sabe quem eu sou? É isso?

*Eduardo não responde. Helena olha-o, durante algum tempo, e, depois sorri, abanando a cabeça.*

HELENA

- Se você não pensasse tanto, Eduardo, você me veria como eu sou.

*Helena pega na mão de Eduardo e puxa-o, e os dois começam andando.*

## **56 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Bosco caminha devagar, as mãos nos bolsos, encolhido, olhando um cão vadio que anda na sua frente, abanando o rabo. Em sentido contrário, vêm Fábio e Marilene, de mãos dadas. Bosco não os vê, os olhos fixos no cão.*

VOZ DE BOSCO

- Eu tenho que esquecer. E vou esquecer e não vou ser de mais ninguém. Mas quem vai se interessar pelo que você tem a dizer?

*Fábio e Marilene param na frente de Bosco e Marilene tira a mão da mão de Fábio.*

FÁBIO

- Pôxa! Quase tromba na gente!

BOSCO (*Com espanto, quase medo*)

- Hem?!

FÁBIO

- Vai pra onde?

*Bosco não responde. Baixa a cabeça e olha o cão, que se afasta.*

VOZ DE BOSCO

- Um cão vagando...

FÁBIO

- Bosco...

*Bosco olha Marilene, fixamente.*

VOZ DE BOSCO (*Continuando*)

-... em busca de carinho, cão danado...

*Fábio, preocupado, segura Bosco por um braço.*

FÁBIO

- Bosco, você tá bem? Bosco!

BOSCO (*Como se acordasse de repente*)

- Tô. Tô.  
FÁBIO  
- Quer que...

*Num gesto brusco, Bosco solta-se e afasta-se de Fábio.*

BOSCO  
- Não! Precisa, não!

*Marilene sorri e olha Bosco, e passa um braço na cintura de Fábio.*

FÁBIO  
- Quer vir?  
BOSCO (*Seco*)  
- Não.  
FÁBIO  
- Então, tchau. E se cuida, viu?

*Bosco não responde e Fábio e Marilene afastam-se. Marilene ainda com o braço na cintura de Fábio, mas rebolando as cadeiras, como se quisesse provocar Bosco.*

#### **57 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.**

*Mesmo ambiente da seqüência 53. Carioca e Preto continuam bebendo.*

PRETO  
- Será que pintou sujeira?  
CARIOCA  
- Que sujeira, porra?  
PRETO  
- Alguém dedurou...  
CARIOCA  
- E quem, porra?

*Carioca olha à volta e aponta Jofre, fora da cena.*

CARIOCA  
- O viadinho num tá ali?  
PRETO  
- Sei lá.  
CARIOCA  
Calma.  
PRETO  
- Calma, o caralho! Já tô é de saco cheio!  
CARIOCA  
- E eu num tô, porra?

#### **58 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Bosco continua caminhando, cabisbaixo.*

VOZ DE BOSCO  
- Me and a girl, passeando. I don't remember quem era, but I desire your love pra mim.

*Noca está encostado no vão de uma porta e chama Bosco, quando ele passa.*

NOCA

- Oi, bicho.

*Bosco pára, mas não parece reconhecer Noca.*

NOCA

- Ei, ô! Noca, pô!

*Bosco continua olhando Noca, ainda parecendo não reconhecê-lo.*

VOS DE BOSCO

- I desire...

NOCA

- Ligadão, bicho?

*Bosco não responde.*

VOZ DE BOSCO

- ... your love...

NOCA

- Tá a fim?

*Bosco continua calado.*

VOZ DE BOSCO

- ... pra mim.

*Noca abre a porta da casa.*

NOCA

- Vamo nessa, bicho!

*Bosco olha a porta aberta, absorto, como se não a visse, e não responde. Noca pega um braço de Bosco e puxa-o.*

NOCA

- Vamo!

*Noca empurra Bosco para dentro e fecha a porta.*

## **59 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo e Helena caminham pela ruela de braço dado. Eduardo usa a mesma roupa da seqüência 55. Passam alguns transeuntes, mas, apesar da figura belíssima de Helena, nenhum deles parece vê-la.*

EDUARDO

- Você ainda não me disse o seu nome.

HELENA

- Eu não tenho.

EDUARDO *(Com espanto, mas carinhoso)*

- Você não tem nome?

*Helena pára e tira o braço.*

EDUARDO

- Claro que tem. Tudo tem nome.

HELENA

- Eu não sou tudo, Eduardo. Sou Helena.

EDUARDO

- Tá vendo como tem nome?

HELENA

- Não. Eu sou (*frisa a palavra* sou) Helena.

*Helena faz uma carícia no rosto de Eduardo e beija-o de leve nos lábios. Eduardo, surpreso, quer beijá-la também, mas Helena solta-se, vira uma esquina e desce umas escadas de pedra, envolta pela penumbra.*

HELENA (*De costas, descendo as escadas*)

- Eu sou Helena!

*Eduardo, após um instante de hesitação, corre atrás de Helena. Começa descendo as escadas, mas elas terminam num portão de ferro, trancado com um cadeado. Eduardo olha o cadeado, pega-o e puxa-o, mas não consegue abrir o portão.*

EDUARDO (*Num misto de espanto e raiva*)

- Merda!

## **60 - CASA DE NOCA. QUARTO DELE. INTERIOR. NOITE.**

*Quarto sujo. Um colchão, uma cadeira quebrada e um lavatório de ferro. Várias roupas espalhadas pelo chão. Colado numa das paredes, um poster rasgado de um conjunto metaleiro. Deitada no colchão, em posição fetal, uma mulher dorme. Sentados no chão, encostados na parede, Bosco e Noca fumam um baseado e bebem gim.*

NOCA

- E, aí, bicho? Cascou fora? Mico Rei falou que seu irmão falou que você vinha de vez. É isso aí?

*Bosco não responde, ocupado em dar uma lapada no baseado. Noca bebe alguns goles e oferece a garrafa.*

NOCA

- Vai nessa?

*Bosco pega a garrafa e dá o baseado a Noca. Enquanto Bosco bebe, Noca puxa.*

NOCA

- Bicho, descolei um trem do caralho! Pega, ó...

*Noca arrasta-se até o colchão, levanta uma ponta, pega um frasco, abre-o, e deixa cair alguns comprimidos na palma da mão. Conta quatro, joga os outros no frasco, e esconde-o no mesmo lugar. Volta e dá dois a Bosco.*

NOCA

- Puta viagem, bicho!

*Bosco engole os comprimidos com gim e passa a garrafa para Noca, que engole os dele.*

NOCA

- Viajão, bicho! Viajão, podes crer!

## **61 - COLONIAL HOTEL. CORREDOR. INTERIOR. NOITE.**

*Maria Germana, de baby-doll, abre a porta do apartamento e olha o corredor. Não vendo ninguém, sai, fecha a porta e bate na porta em frente.*

## 62 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.

*Dalva, abraçada por um homem de meia idade, seu par daquela noite, bebe junto do balcão. Nilo entra, olha o bar lotado, e conversa com Graça, a moça da caixa.*

NILO

- Tudo em ordem, Graça?

GRAÇA

- Tudo bem, Seu Nilo. Seu Jofre é que quer falar com o senhor.

*Nilo aponta alguma coisa atrás do balcão. Graça pega uma toalha e entrega-a a Nilo. Nilo joga a toalha pelos ombros. Corta para Carioca e Preto. Carioca levanta um braço.*

VOZ DE CARIOCA

- Ô!

*Corta para Carioca e Preto. Carioca levanta um braço. Jofre aproxima-se, correndo.*

CARIOCA

- Cadê a porra desse tal de Seu Nilo, hem?!

JOFRE (*Gaguejando*)

- Ca... ca... cabou...

PRETO

- Gagueja, não, porra!

JOFRE (*Gritando*)

- Seu Nilo! Ô, Seu Nilo!

*Corta para Nilo. Nilo está limpando a cara e o pescoço com a toalha. Corta para Carioca, Preto e Jofre. Nilo aproxima-se e, quando chega junto da mesa, Jofre afasta-se, sem olhar para trás.*

NILO

- Ora, muito boa noite.

PRETO

- Ô, portuga, cadê...

NILO

- Eu não sou...

*Carioca, rápido, cutuca Preto, e ele cala-se. Nilo olha os dois, desconfiado, e faz menção de se afastar. Carioca faz um gesto de contemporização.*

CARIOCA

- Favor, Seu Nilo. Senta.

*Nilo olha a cadeira, indeciso.*

CARIOCA

- Favor, senta. A gente veio de muito longe e tamos querendo levar um papo, numa boa. Com o senhor e um amigo.

NILO

- E que amigo?

PRETO (*Brusco*)

- Chicão.

CARIOCA (*Rápido*)

- Temos um recado. De uma grande amiga de Seu Chicão.  
PRETO  
- A gente...

*Carioca cutuca Preto e ele cala-se.*

CARIOCA  
- Diz que o senhor conhece muito Seu Chicão...  
NILO  
- E quem que diz que...  
PRETO (*Enfático*)  
- Eu que digo!  
CARIOCA (*Rápido*)  
- Quem diz, é Dr. Floriano, antigo chefe dele, o senhor já deve ter escutado...

*Nilo fica mais tranqüilo. Conhece o Delegado Floriano de nome. Chicão já falou nele diversas vezes.*

NILO  
- Bom. Conhecer Seu Chicão, até é verdade que eu conheço, e ele já me falou do Dr. Floriano. Agora...

*Preto quer interromper, mas Carioca faz um gesto rápido e ele cala-se.*

NILO (*Continuando*)  
- ... falar dele pra qualquer um...  
PRETO (*Furioso*)  
- Num é qualquer um, não, caralho!

*Carioca cutuca Preto, mas ele não se cala.*

PRETO  
- Num é qualquer um, não! Nós somo Preto e Carioca, lá do Rio, tá sabendo?!

*Nilo faz menção de se afastar, mas Carioca segura-o por um braço.*

CARIOCA  
- Num liga, não, Seu Nilo. Esse crioulo já tá meio chumbado, e já viu. É que a gente tem um recado da Mary Gold.  
NILO  
- Os senhores vão me desculpar, mas eu não conheço nenhuma Mary Go...  
PRETO (*Cortando*)  
- E num conhece mesmo, não! Mas a gente conhece e Chicão também conhece!  
CARIOCA (*Bonachão*)  
- Senta aí, Seu Nilo. A gente ainda num acabou de conversar, não.

*Nilo tenta afastar-se, mas Preto, rápido, puxa o revólver.*

PRETO  
- Ô, portuga, tá cum pressa de quê? Senta, caralho!  
CARIOCA (*A Preto*)

- Guarda essa porra.  
PRETO  
- Num tá vendo, não? Ele tava...  
CARIOCA  
- Guarda essa porra, caralho!

*Preto esconde o revólver debaixo da mesa. Jofre passa, olhando de soslaio, servindo uma mesa próxima.*

NILO (*Enfático*)  
- Acho bom os senhores irem saindo.  
PRETO (*A Carioca*)  
- Tu tá vendo?! Tá vendo só o filho da puta?!

*Carioca puxa o revólver e aponta-o para a barriga de Nilo.*

CARIOCA  
- Portuga da merda! Ou tu dá o serviço agora, ou tu apaga aqui mesmo, caralho! Onde que mora o Chicão?  
PRETO  
- Apaga ele!  
NILO  
- Mas eu não sei...  
PRETO (*A Carioca*)  
- Apaga ele, porra!  
CARIOCA  
- Cala a boca! (*A Nilo.*) Vai falar ou...  
NILO (*Com medo*)  
- Eu juro que não sei onde ele mora!

*Carioca engatilha o revólver.*

NILO (*Tremendo*)  
- Eu só sei que ele vem aqui todas as noites.

*Carioca sorri e desengatilha o revólver.*

CARIOCA  
- Assim que se fala, amigão!

### **63 - CASA DE NOCA. QUARTO DELE. INTERIOR. NOITE.**

*Bosco e Noca estão quase deitados no chão, encostados na parede. A garrafa de gim, vazia, está caída ao lado deles. A mulher drogada continua dormindo.*

NOCA  
- Preciso te mostrar.  
VOZ DE BOSCO  
- My kind...  
NOCA  
- Ô! Não quer ver, não, pô?  
VOZ DE BOSCO (*Continuando*)  
- ... and my girl...  
NOCA  
- Ô, só.

*Noca levanta-se com esforço e, cambaleando, fica na frente de Bosco.*



NOCA  
- Ó, só, caralho!

*Noca abaixa a calça e a cueca. No lugar do pênis aparece uma pequena árvore com as raízes entrando nas pernas. Bosco levanta-se de um salto e esmurra a porta, querendo sair.*

**64 - COLONIAL HOTEL. APARTAMENTO DE EDUARDO. INTERIOR. NOITE.**

*Eduardo, com a mesma roupa da seqüência 59, está encostado na janela, fechada, fumando. Toca o telefone na mesa-de-cabeceira. Eduardo joga o cigarro no chão e atende no primeiro toque.*

EDUARDO (*Ansioso, quase gritando*)  
- Eduardo! (*Decepcionado.*) Alô, Fábio. Não, não. Não esqueci, não. Só que eu tive um compromisso e... Não. Não. Apareceu assim... (*Ri, meio sem graça.*) Tá difícil essa nossa saída, né? Não, não. Deixa que eu telefono. É melhor, tá? Obrigado, Fábio.

*Eduardo bate com o telefone no gancho e fica rígido, olhando através da janela.*

**65 - COLONIAL HOTEL. QUARTO DE ULYSSES. INTERIOR. NOITE.**

*Recostado na cama, Ulysses parece não escutar as batidas na porta. As batidas soam mais fortes. Ulysses levanta-se e abre a porta. Maria Germana entra rápida, fecha a porta e encosta-se nela.*

MARIA GERMANA  
- Puxa!  
ULYSSES  
- Desculpe. Eu...  
MARIA GERMANA (*Apontando a cama*)  
- Você tava...  
ULYSSES  
- Não. Não. Eu só tava... (*Aponta a cadeira.*)  
Sente.  
MARIA GERMANA  
- Você não parece muito...  
ULYSSES  
- Não. Não. É que...  
MARIA GERMANA  
- Se preferir, eu vou embora.  
ULYSSES  
- Não. Não. De jeito nenhum! Eu é que tô, sei lá...  
MARIA GERMANA (*Rindo*)  
- Dêprê?

*Ulysses olha Maria Germana, mas não responde. Maria Germana aproxima-se.*

MARIA GERMANA  
- Diga.  
ULYSSES  
- Meio desconjuntado, sei lá.  
MARIA GERMANA (*Rindo*)  
- Ah, mas isso tem solução.

*Maria Germana abraça e beija Ulysses.*

MARIA GERMANA  
- Ou não tem? Hem?

*Maria Germana agarra Ulysses com força, lambe-lhe o rosto e o pescoço, entremeando os gestos com as palavras.*

MARIA GERMANA  
- Tem, sim. Tem, sim. Tem, sim.

*Maria germana tira o baby-doll e esfrega-se em Ulysses.*

MARIA GERMANA  
- Tem, sim! Tem jeito, sim!

*À medida que aumenta a intensidade das carícias de Maria Germana, aumenta também a excitação de Ulysses. De repente, Maria Germana arrasta Ulysses para a cama, despe-o e ambos rolam, engalfinhados, em cima da coberta.*

#### **66 - COLONIAL HOTEL. APARTAMENTO DE EDUARDO. INTERIOR. NOITE.**

*Eduardo, com uma roupa diferente da seqüência 64, fuma e anda pelo quarto, nervoso. De repente, joga o cigarro no chão, pega o telefone e disca.*

EDUARDO  
- Alô? É da casa do Dr. Fábio? Eu poderia falar com ele? Obrigado. Fábio? Eduardo. Não, não. Tá tudo bem. Desculpa, mas eu preciso falar com você. Agora. Não. Por telefone, não. Eu preferia passar na sua casa, pode ser? Sei, claro. Já perguntei na portaria. É coisa rápida. Obrigado.

#### **67 - CASA DE BOSCO. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo desce a rua em passos rápidos, olhando os números das casas, pára na frente de uma porta e bate. Instantes depois, abre uma janela e aparece Jussara.*

JUSSARA  
- Quem é?  
EDUARDO  
- É um colega do Dr. Fábio. Ele já...  
JUSSARA *(Cortando)*  
- Um momento.

*Jussara fecha a janela. Instantes depois, a porta abre e aparece Fábio.*

EDUARDO *(Nervoso)*  
- Você me desculpe, Fábio, mas...  
FÁBIO  
- Ora, Dr. Eduardo. Mas o senhor não quer entrar, não?  
EDUARDO *(Mesmo tom)*  
- Não. Não. Obrigado. Eu só... Quer dizer, é uma pergunta que eu...  
FÁBIO  
- Algum proble...  
EDUARDO *(Cortando, mesmo tom)*

- Não. Não. Problema nenhum. Eu é que...

FÁBIO  
- Dr. Eduardo, o que eu puder fazer...

EDUARDO (*Tentando recompor-se*)  
- É só uma pergunta bobá. Boba mesmo.

FÁBIO  
- Mas que é isso, Dr. Eduardo?! Por favor!

EDUARDO  
- Fábio, você conhece uma mulher...

FÁBIO (*Rindo*)  
- Ah, Dr. Eduardo, mulheres eu conheço...

EDUARDO (*Cortando*)  
- Eu sei. Eu sei. Mas é uma...

FÁBIO (*Sorrindo, cúmplice*)  
- Bem especial, claro.

EDUARDO (*Encabulado*)  
- Digamos que...

FÁBIO (*Rindo*)  
- Ora, Dr. Eduardo! Se é assim tão especial, claro que eu conheço! O senhor encontrou ela onde? Lá no...

EDUARDO (*Cortando, nervoso*)  
- Não. Não. Eu só a vi... Quer dizer... É uma mulher vestida de branco...

FÁBIO  
- Vestida de branco? Dr. Eduardo...

EDUARDO (*Mesmo tom*)  
- É. Ela apareceu... Quer dizer... Ela...

FÁBIO  
- Apareceu onde? Lá no...

EDUARDO (*Rápido*)  
- Não! Não! Aqui!

FÁBIO  
- Aqui? Dr. Eduardo...

*Eduardo aponta o fim da rua.*

EDUARDO  
- Lá, naquelas ruas.

FÁBIO  
- Dr. Eduardo, eu moro aqui...

EDUARDO (*Ansioso*)  
- Então, você sa...

FÁBIO (*Continuando*)  
- ... desde que nasci e posso lhe garantir que, uma mulher assim, do jeito que o senhor tá falando, não mora por aqui, não. Se morasse...

*Eduardo olha Fábio com incredulidade.*

FÁBIO (*Incisivo*)  
- Não mora mesmo, Dr. Eduardo. Se morasse eu já teria visto. A não ser...

EDUARDO (*Ansioso*)  
- Sim?

FÁBIO (*Sorrindo, tentando acalmar Eduardo*)  
- A não ser que seja algum anjo. Ou algum demônio.

*Eduardo, decepcionado, olha Fábio, fixamente.*

FÁBIO

- Sério, Dr. Eduardo. Aqui em Congonhas, as mulheres...

EDUARDO (*Cortando, seco*)

- Obrigado, Fábio.

FÁBIO

- Dr. Eduardo...

EDUARDO (*Mesmo tom*)

Boa noite. E me desculpe o incômodo.

*Eduardo começa se afastando.*

FÁBIO

- E o nosso passeio, Dr. Eduardo? O senhor ainda...

*Eduardo continua andando, sem responder. Fábio cala-se e abre os braços, num gesto de impotência, espantado com a reação.*

## **68 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.**

*Parte dos membros da equipe fotográfica levantam-se e começam a dançar. Carioca, Preto e Nilo continuam no mesmo lugar.*

PRETO (*A Nilo*)

- Se tu abrir o bico, portuga...

NILO

- Pelo amor de Deus, Seu Preto, eu não tenho nada com isso, não.

*Tremendo, Nilo passa a toalha na cara e no pescoço.*

NILO

- Eu juro pelas santas almas...

PRETO

- E tu tem alma, porra?

CARIOCA (*A Preto*)

- Cala essa boca! (*A Nilo.*) Se manda.

PRETO

- Mas tu num...

CARIOCA

- Ô, porra! Num tá vendo a merda que vai dar? (*A Nilo.*) Vai. Vai. (*A Preto.*) Saca ele. Se piscar, já viu! (*A Nilo.*) Me traz uma cerveja. Mas tu mesmo!

*Corta para Preto e Nilo afastando-se. Nilo pega copos e uma garrafa de cerveja e outra de cachaça. Preto observa-o e, quando o vê dirigir-se para a mesa de Carioca, aproxima-se de Lisa, que dança com um dos membros da equipe fotográfica. Preto, num gesto malandro, bate no ombro do par de Lisa.*

PRETO

- Ô.

*Lisa olha Preto e sorri, e pára de dançar.*

PRETO

- A moça tem compromisso, tá vendo, não?

*O homem olha Preto. Preto olha-o, desdenhoso, e ele afasta-se.*

PRETO

- Sujeitinho besta.

*Preto fica parado na frente de Lisa e olha-a de alto a baixo.*

PRETO (*Sorrindo, com aprovação*)

- Material, ó! Como é seu nome, fulô?

LISA (*Rindo*)

- Lisa.

PRETO

- Lisa? Liso sou eu, puta que pariu!

*Lisa ri e Preto arrasta-a para a dança. Corta para Carioca e Nilo. Nilo serve uma dose de cachaça. Carioca serve o santo e bebe.*

CARIOCA (*Bonachão*)

- Outra, Seu Nilo.

*Nilo serve. Carioca serve o santo e bebe. Nilo enche o copo outra vez, sem olhar Carioca. Como se, não olhando para ele, Carioca não percebesse a intenção. Carioca olha o copo cheio de cachaça e olha Nilo.*

CARIOCA

- Quê que há, ô? Cerveja, porra!

*Carioca olha Nilo de soslaio e aponta a cadeira que está ao lado.*

CARIOCA

- Senta aí!

*Nilo abre a garrafa e enche o copo. Carioca bebe. Nilo puxa a cadeira que está de frente para a porta. Carioca, com um gesto, mostra a cadeira ao lado dele. Nilo passa a toalha na cara e no pescoço, senta e bebe um gole de cachaça.*

CARIOCA (*Sorrindo*)

- Valeu, Seu Nilo! Home que é home, num caga fino, não!

*Carioca bebe o resto da cerveja e Nilo enche o copo.*

NILO (*Procurando ganhar tempo*)

- Mas de que parte os amigos conhecem Seu Chicão?

CARIOCA

- A gente conhece ele lá do Rio. Por quê? Algum...

NILO (*Rápido*)

- Nada! Nada!

CARIOCA

- A gente só veio pra acertar umas contas.

NILO (*Ainda procurando ganhar tempo*)

- É. Contas são contas. Coisa sagrada.

*Carioca não responde.*

NILO (*Sempre procurando ganhar tempo*)  
- Agora, Seu Chicão tá aposentado.

*Carioca continua sem responder.*

NILO (*Mesmo tom*)  
- Seu Chicão é boa gente.

*Carioca continua calado.*

NILO (*Mesmo tom*)  
- Veio pra cá, casou aqui... Casou até bem...

*Nilo vê que Carioca olha para ele, fixamente, e, tremendo, fala rápido.*

NILO  
- Bem, quer dizer, moça de família. Tem até filho.

CARIOCA (*Seco*)  
- Que mais que tu sabe dele?

NILO (*Mesmo tom*)  
- O que todo mundo diz. Bom marido, bom pai, bom amigo...

CARIOCA (*Cortando, com força*)  
- Tu num conhece o amigo que tem, não, caralho!

#### **69 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo, usando a mesma roupa da seqüência 67, está parado em outra ruela, absorto, o olhar perdido no infinito. De repente, olha o cigarro que tem na mão, como se estranhasse estar fumando, e faz o gesto de o jogar no chão. Mas pára o movimento e, devagar, puxa uma tragada profunda e começa andando.*

#### **70 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo, dobra a esquina e, de repente, vê um vulto parado debaixo da padieira de uma porta. É Helena. Eduardo pára e Helena aproxima-se, saindo da escuridão, e usando um vestido cor de rosa.*

HELENA  
- Você demorou, Eduardo.

*Eduardo olha Helena durante algum tempo.*

EDUARDO  
- É. Demorei, sim.

HELENA  
- Por quê que demorou?

*Eduardo não responde. Helena olha-o e sorri.*

HELENA  
- Medo?  
EDUARDO (*Desafiador*)

- Medo? Medo de quê?

*Helena não responde, apenas continua sorrindo. Eduardo olha-a durante alguns instantes e tapa o rosto com as mãos, como se quisesse esconder os pensamentos. Tira as mãos do rosto e olha o chão.*

EDUARDO

- Eu ainda não sei quem você é. *(Olha Helena.)*  
Mesmo que você fosse...

HELENA *(Sorrindo)*

- Você sabe quem eu sou, Eduardo. Eu já disse.  
Eu sou Helena.

EDUARDO *(Com desespero)*

- Não. Ninguém sabe quem você é.

HELENA

- Você sabe *(frisa a palavra sabe)*, Eduardo.

EDUARDO *(Tapando o rosto com as mãos)*

- Não. Não sei. Quero saber, quero ter certeza,  
mas não sei.

*Helena olha Eduardo, fixamente, durante algum tempo, e tira-lhe as mãos do rosto. Eduardo está imóvel e olha o chão.*

HELENA

- O que importa mais, Eduardo? Ter certeza ou  
ser feliz?

*Eduardo continua olhando o chão, sem responder, e Helena começa andando. Eduardo levanta a cabeça e olha Helena, afastando-se, e, após um segundo de hesitação, segue-a.*

## **71 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.**

*Preto está no canto do balcão, bebendo com Lisa, mas sempre atento, ora olhando a porta, ora olhando a mesa de Carioca e Nilo.*

VOZ DE CARIOCA *(Com raiva)*

- Tu num sabe quem que é Chicão, não,  
caralho!

*Corta para Carioca e Nilo. Carioca abre a camisa e mostra o peito, cortado de cicatrizes.*

CARIOCA

- Tá vendo? Cada uma tem uma estória...

*Nilo olha Carioca, assustado, e passa a toalha na cara e no pescoço. Carioca bebe.*

CARIOCA *(Recordando)*

- Chumbinho. Já escutou falar de Chumbinho,  
irmão de Preto? Não? Quer dizer que o bom  
amigo num contou o que fez cum ele? *(Com  
força.)* Num contou, mesmo, não?

## **CENA EM FLASH BACK**

*Terreno baldio. Noite. Chumbinho, nu, amarrado num poste, gritando, e Chicão cortando os bagos dele com uma faca. O sangue espirra e mancha tudo. Inclusive, a própria tela.*

### **CONTINUA A SEQÜÊNCIA 71**

CARIOCA

- Tu viu o bom amigo?!

NILO

- Seu Chicão...

CARIOCA (*Cortando*)

- Ele falou da Mary Gold?

NILO (*Rápido, com medo*)

- Não! Não! Nunca!

CARIOCA (*Recordando*)

- Gatona. Lá da Praça Mauá. Todo mundo parava nela.

*Carioca tira uma fotografia amarrotada do bolso da camisa e mostra-a a Nilo. No detalhe, vê-se que é uma fotografia de Mary Gold, estrelando um show num cabaré.*

CARIOCA

- Tá vendo? Até eu parei na dela. E ela parou na minha.

### **CENA EM FLASH BACK**

*Show de Mary Gold. Sentado numa mesa, sozinho, sorrindo, com ar sonhador, Carioca assiste. Corta para um terreno baldio. Noite. Deitada de borco no chão, nua e com as mãos amarradas nas costas, Mary Gold debate-se e grita. Chicão, rindo, enfia-lhe o cano do revólver no cu e atira. O sangue espirra e mancha tudo. Inclusive, a própria tela.*

### **CONTINUA A SEQÜÊNCIA 71**

CARIOCA (*Com ódio, guardando a fotografia*)

- Entendeu, agora, as nossas contas, portuga?

NILO (*Implorando*)

- Pelas santas almas do céu, Seu Carioca! Eu não tenho nada com isso, não!

### **72 - COLONIAL HOTEL. QUARTO DE ULYSSES. INTERIOR. NOITE.**

*Ulysses e Maria Germana estão na cama. Ulysses recostado na cabeceira, fumando, e Maria Germana deitada.*

MARIA GERMANA

- Você é bem esquisito, sabia?

ULYSSES

- Por quê? Só porque você me viu chorar?

*Maria Germana não responde, espantada com a franqueza de Ulysses.*

ULYSSES

- Hem?

MARIA GERMANA

- Não. Não foi só por isso. Claro que isso também pesou, mas...



ULYSSES

- Ou foi por eu não ter corrido, quando você entrou?

MARIA GERMANA

- Também. Mas também não foi só isso. Você tem qualquer coisa que eu... Olha que eu não sou muito de me confundir, não, mas você...

ULYSSES

- Eu, o quê?

MARIA GERMANA

- Não sei. Parece que você tá querendo uma coisa que sabe que nunca vai ter. Quando eu vi você chorando, lá na igreja, o que eu via não era o que tava acontecendo, isso eu tenho certeza.

ULYSSES

- E que mais você pensa que viu? Você só viu um homem chorando.

MARIA GERMANA (*Após uma pausa*)

- Isso eu sei que foi o que eu vi. Mas o que tava, realmente, acontecendo...

*Maria Germana cala-se e olha Ulysses.*

ULYSSES

- Continue.

MARIA GERMANA (*Após uma pausa*)

- Parecia mais uma confissão, sei lá.

*Ulysses olha Maria Germana, durante algum tempo, e puxa uma tragada profunda. Solta o fumo devagar e olha-o desfazer-se no ar.*

ULYSSES

- Não. Não era confissão.

MARIA GERMANA

- Medo?

ULYSSES (*Abanando a cabeça*)

- Não.

*Ulysses cala-se e puxa outra tragada, e sopra o fumo com força.*

ULYSSES

Era vazio. Desencanto, consciência...

MARIA GERMANA (*Com espanto*)

- Consciência?!

ULYSSES

- Tomada de conhecimento, se você prefere.

MARIA GERMANA

- Tomada de conhecimento? Mas tomada de conhecimento de quê?

ULYSSES (*Após uma pausa*)

- Da grande merda que eu sou.

*Maria Germana não diz nada. Recosta-se na cabeceira da cama, pega o cigarro de Ulysses e puxa uma tragada profunda. Solta o fumo devagar, pelo nariz e pela boca, e devolve o cigarro. Ulysses fica com ele na mão, como se não tivesse notado que Maria Germana o devolveu.*

ULYSSES (*Divagando*)

- Sabe? Até há pouco, eu não sabia nem se tava só. Tava tão só, que não sabia nem como é que

tava. Na verdade, toda a minha vida foi assim. Só que eu nunca soube. Se me sentia dêprê, como você disse há pouco, sabe o que eu fazia? Mergulhava nas minhas teorias e bancava o avestruz.

*Ulysses cala-se e olha à volta. A câmera segue o olhar de Ulysses, mostrando as paredes, o teto, etc.*

VOZ DE ULYSSES

- Afinal, eu era um mestre, um intelectual de escol, como diziam os meus colegas. E assim vivi. Sempre chafurdando no meu mundinho de merda, mas sempre orgulhoso de ser um mestre. A opinião definitiva. O medalhão.

*Corta para Ulysses.*

ULYSSES

- Só que não era nada disso. Eu só era mestre em teorias. Na prática, eu nunca criei nada. Se até há pouco me dissessem o que lhe vou dizer agora, eu acharia uma heresia. Mas não é uma heresia. É uma verdade.

*Corta para Maria Germana. Close do rosto, com os olhos fechados.*

VOZ DE ULYSSES

- Em arte, quem não sabe, ensina. Quem sabe, faz.

*Corta para para Ulysses.*

ULYSSES (*Continuando*)

- E eu sempre ensinei. Mesmo o romance que tô escrevendo, não é um ato de criação. É uma merda de uma tese. Quando você me viu, lá na igreja, sabe o que eu tinha pensado, e foi por isso que chorei? Que, pro criador daquelas obras, as próprias obras bastavam e que, de mim, nada restará. Eu não sou nem *gauche*. Tudo que eu sou, é uma litania mal cantada.

*Ulysses cala-se e olha Maria Germana durante alguns instantes.*

ULYSSES

- Sabe o que eu queria, na verdade? Era um colo. Um encosto que me suportasse e desse paz.

*Ulysses cala-se, puxa uma tragada profunda, sopra o fumo com força e esmaga o cigarro no cinzeiro.*

ULYSSES

Mas foi coisa que nunca tive.

*Ulysses cala-se e fica olhando o teto do quarto. Maria Germana olha-o durante alguns instantes, deixa-se escorregar na cama e puxa-o sobre si.*

MARIA GERMANA

- E você acha que encontrou esse colo?

### 73 - RUA. EXTERIOR. NOITE.

*Eduardo e Helena caminham pela rua, atrás da igreja do Senhor Bom Jesus. Eduardo usa a mesma roupa da seqüência 70.*

HELENA

- Eduardo...

EDUARDO (*Como se pensasse em voz alta*)

- Se, ao menos, você fosse quem eu penso...

HELENA

- Deixa que eu seja.

EDUARDO (*Continuando, mesmo tom*)

- Mas você não é.

HELENA

- Como você sabe que eu não sou? Se você quiser, eu serei.

EDUARDO (*Mesmo tom*)

- Se eu quiser. (*Com força.*) E se eu quiser?! O que é que...

HELENA (*Cortando*)

- Se você quiser tudo mudará.

EDUARDO (*Amargo*)

- Mudará mesmo?

HELENA

- Mudará. Você (*frisa a palavra você*) mudará tudo.

*Eduardo olha Helena, espantado.*

HELENA (*Suave, mas incisiva*)

- Se eu mudasse, Eduardo, nada mudaria.

*Eduardo pára e abraça Helena.*

EDUARDO

- Eu te quero, Helena! Eu te quero!

*Helena ri e solta-se, e continuam caminhando, Helena um pouco à frente. Eduardo pára e acende um cigarro. Passam Prisciliana e Geralda. Ao verem Eduardo parado, olham-no, desconfiadas, e andam mais depressa. E não parecem ver Helena.*

HELENA

- Você diz que me quer...

EDUARDO (*Aproximando-se, incisivo*)

- Eu quero!

*Helena pára, como a exigir uma definição.*

HELENA

- Você diz que me quer, mas ainda diz que não sabe quem eu sou.

*Estão na lateral da igreja. Eduardo pega na mão de Helena.*

EDUARDO

- E se eu não quiser mais saber?

*Helena não responde. Pega o cigarro de Eduardo e puxa uma tragada profunda. Solta o fumo devagar, como se estivesse analisando a atitude que vai tomar, joga o cigarro no chão e abraça Eduardo. Eduardo beija-a e Helena corresponde.*

HELENA

- Agora, você sabe quem eu sou?

EDUARDO (*Convicto*)

- Agora, eu sei!

*Abraçados, começam andando em direção ao Adro dos Profetas.*

#### **74 - ARREDORES DA CIDADE. EXTERIOR. NOITE.**

*Bosco está sentado junto de uma cachoeira. Ruídos noturnos característicos.*

VOZ DE BOSCO

- Esta é a fórmula. As palavras são o que seriam, se fossem. Esta é a experiência. Quanto mais o universo aumentar, mais a minha imagem diminui.

*Fábio aproxima-se. Bosco não percebe.*

FÁBIO

- Eu sabia que você tava aqui. Mamãe disse...

*Bosco olha Fábio em silêncio. Fábio senta-se ao lado dele.*

FÁBIO

- Mamãe tá preocupada, Bosco. Tá mesmo. Diz que papai....

*Bosco fecha os olhos.*

VOZ DE BOSCO

- Será que Deus usa óculos ou lentes de contato?

FÁBIO

- Desse jeito, você não tem mais jeito, não, meu irmão.

*Bosco continua de olhos fechados.*

VOZ DE BOSCO

- Um conselho a todos. Cuidado, se pensar Deus escuta. Usa binóculos!

*Fábio tira um baseado do bolso e acende-o. Dá uma lapada e passa-o a Bosco.*

FÁBIO

- Por quê que você não faz uma força e dá um jeito, hem?

*Num gesto brusco, Bosco levanta-se e sai correndo.*

VOZ DE BOSCO (*Como se fosse um eco*)

- E alguém pergunta se eu quero?

#### **75 - COLONIAL HOTEL. CORREDOR. INTERIOR. NOITE.**

*Joyce, uma das modelos da equipe fotográfica, bate na porta do apartamento de Maria Germana. Ninguém atende e ela continua batendo. Maria Germana aparece na porta do quarto de Ulysses.*

MARIA GERMANA (*Com espanto*)  
- Joyce?!

*Joyce volta-se, rápida, e olha Maria Germana, espantada.*

JOYCE  
- Maria Germana?!  
MARIA GERMANA  
- Chiu! O que foi?  
JOYCE  
- Convidaram todo mundo pra uma festa.  
MARIA GERMANA  
- Festa? Quem convidou?  
JOYCE  
- Não sei. Você vai?  
MARIA GERMANA  
- Espera.

*Maria Germana entra no quarto de Ulysses e volta logo depois, sorrindo*

MARIA GERMANA  
- Vou, sim. Você sabe onde é?  
JOYCE  
- Tem um pessoal aí que sabe.

*Maria Germana abre a porta do apartamento dela e empurra a Joyce para dentro.*

MARIA GERMANA  
- Me espera aí.

## **76 - CASA COLONIAL. EXTERIOR. NOITE.**

*Panorâmica da casa. Nas janelas iluminadas perpassam, rapidamente, vultos femininos e masculinos. Junto do portão, carros estacionados. Ruídos noturnos característicos.*

## **77 - CASA COLONIAL. SALA PRINCIPAL. INTERIOR. NOITE.**

*Diversas portas e janelas. Móveis e decoração coloniais. A festa já começou. Todo mundo bebendo, dançando, se agarrando. Maria Germana entra, acompanhada de Ulysses e de Joyce. Joyce, imediatamente, se junta a um grupo e se integra no ambiente. Corta para Ulysses e Maria Germana. Vê-se que Ulysses não se sente à vontade.*

ULYSSES  
- Você...

*Maria Germana nota o embaraço de Ulysses e ri.*

MARIA GERMANA  
- Meu ex-marido odiava.  
ULYSSES  
- Eu também não...  
MARIA GERMANA (*Cortando, ainda rindo*)

- Pois eu adoro!

*Maria Germana afasta-se e integra-se, também, no ambiente. Ulysses fica parado, olhando para ela, num misto de constrangimento e de carência.*

#### **78 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Um carro pára atrás do corcel de Carioca e Preto, em frente ao Bar do Campo. Chicão sai, assobiando um samba de breque conhecido. Observa o carro velho, curioso, ao notar a placa do Rio de Janeiro. Mas não dá maior atenção e, sempre assobiando, entra no bar.*

#### **79 - CASA DE BOSCO. SALA. INTERIOR. NOITE.**

*Geralda está sentada e tem um rosário na mão. Mas não parece rezar. A porta abre e Fábio entra, puxando Bosco pela mão.*

FÁBIO

- Mamãe...

*Geralda levanta-se e abraça Bosco.*

GERALDA

- Bosco!

FÁBIO

- Ele já tá bem, mamãe.

GERALDA

- Graças a Deus!

*Geralda puxa uma cadeira e ajuda Bosco a sentar-se.*

FÁBIO (*Hesitante*)

- Mamãe, eu...

*Geralda não escuta e Fábio sai.*

GERALDA

- Meu filho, você não pode fazer mais isso. Se continuar assim, seu pai...

VOZ DE BOSCO

- Meu pai morreu!

*Bosco começa chorando, convulsivamente.*

#### **80 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.**

*Preto continua bebendo no canto do balcão, acompanhado de Lisa. Chicão entra, sorridente. Preto, ao ver Chicão, afasta-se de Lisa, num movimento rápido. Lisa olha-o, espantada.*

PRETO

- Güenta aí. Güenta aí, que eu...

*Antes que Lisa possa dizer alguma coisa, Preto afasta-se, rápido, como se fosse ao banheiro. Jofre, carregando uma bandeja, passa junto de Chicão.*

CHICÃO

- Cadê o velho Nilo?

*Jofre olha a mesa de Carioca e a câmara segue o seu olhar. Carioca olha para Jofre e baixa a cabeça. Jofre entende o significado do olhar de Carioca e aponta a mesa a Chicão.*

JOFRE

- Tá lá.

*Corta para Carioca e Nilo. Chicão aproxima-se, sem reconhecer Carioca, de cabeça baixa, e dá uma palmada no ombro de Nilo.*

CHICÃO

- Quê que...

*Nilo olha Chicão e ele percebe que alguma coisa está errada. Carioca levanta a cabeça e olha Chicão, debochado. Chicão, rápido, leva a mão à cintura. Mas pára o gesto ao sentir Preto enfiar o cano do revólver nas suas costas.*

PRETO

- Qual que é, ô? Eu sou preto, mas não sou burro, não, quê que há?

*Num gesto rápido, Preto tira o revólver de Chicão e guarda-o.*

PRETO

- Senta aí.

*Chicão olha Preto, espantado, mas sorrindo. Preto, furioso, empurra-o com o cano do revólver.*

PRETO

- Senta, caralho!

*Chicão senta-se e Preto senta-se também. Carioca faz um gesto. Jofre aproxima-se, correndo.*

CHICÃO

- Tá tudo bem, Jofre. Faz de conta que...

PRETO

- Faz de conta, o caralho! (*A Jofre.*) Se tu der bandeira...

CARIOCA (*A Jofre*)

- Vai. Vai. Se manda. Mas já viu!

*Jofre afasta-se, rápido.*

CARIOCA (*A Nilo*)

- Agora, nós vamo acertar. (*Debochado, a Chicão.*) Num vamo, não, bom amigo?

*Nilo passa a toalha na cara e no pescoço. Chicão enche um copo de cerveja e bebe, devagar.*

CHICÃO (*Sorrindo, aparentando segurança*)

- Vamo, claro.

PRETO

- Vamo, o caralho! Cumé que tu pode acertar, se tá devendo até a alma? Ou tu já esqueceu de

Chumbinho, de Mocó, de Piti, de Cagão, de...  
Tu já esqueceu de Mary Gold, caralho?!  
CARIOCA  
- Esqueceu, não. Lembra muito bem, num  
lembra, não?

*Carioca olha Nilo e, depois, olha Chicão, enfatizando as palavras.*

CARIOCA  
- Hem, bom amigo?  
CHICÃO  
- Claro que eu lembro. E tô lembrando até de  
um negócio...  
PRETO (*Cortando*)  
- Num tem negócio, não!  
  
CHICÃO (*A Carioca*)  
- Quem sabe o negócio que eu tenho é melhor  
do que...  
CARIOCA (*Cortando*)  
- Agora, num tem mais negócio, não, bom  
amigo. Agora...  
PRETO (*Com força*)  
- Então, vambora! Vamo acabar logo cum essa  
porra!  
CHICÃO (*A Carioca*)  
- Dava pra...  
PRETO (*Cortando*)  
- Dava, o caralho!  
CHICÃO (*Continuando*)  
- ... despedir da mulher e do garoto?

*Preto, furioso, vai dizer alguma coisa. Carioca, rápido, manda-o calar com um gesto e olha Chicão, durante alguns instantes.*

CARIOCA  
- Bom tu lembrar da Mary Gold, se tá  
pensando...  
CHICÃO (*Encolhendo os ombros*)  
- Não tô pensando nada.  
PRETO  
- Tu vai cagar igual, igual, filho da puta!

*Carioca levanta-se e aponta Chicão.*

CARIOCA  
- Olho nele.  
PRETO (*Rindo*)  
- Xacomigo, meu irmão! Xacomigo!  
CARIOCA (*A Nilo*)  
- E tu, aí, ó, boca de siri. Senão...

*Carioca passa o dedo na garganta e faz o gesto característico da degola.*

CARIOCA  
- ... já viu!  
NILO  
- Eu juro... Eu juro que...



*Nilo cala-se e olha Chicão. Chicão levanta, ligeiramente, as sobrancelhas. Preto percebe e, rápido, dá-lhe uma coronhada na testa. Chicão agüenta a pancada sem gritar.*

PRETO (*Com raiva*)  
- Filho da puta!

*O sangue escorre da testa de Chicão e Nilo quer levantar-se. Preto segura-o e ameaça fazer o mesmo que fez em Chicão. Carioca segura o braço de Preto.*

CARIOCA  
- Porra, caralho, tu pirou?  
PRETO  
- Pirou foi tu, filho da puta!

*Preto, furioso, aponta Chicão e Nilo.*

PRETO  
- Num viu o jogo deles, não, caralho?!

### **81 - CASA DE BOSCO. CORREDOR. INTERIOR. NOITE.**

*Bosco vem correndo, esbarrando nas paredes.*

VOZ DE BOSCO  
- Eu não posso! Eu não quero!

*Empurra a porta, com força, e entra no banheiro.*

### **82 - CASA DE BOSCO. BANHEIRO. INTERIOR. NOITE.**

*Jussara toma banho e masturba-se. Não grita, quando Bosco entra. Antes pelo contrário, sorri e acelera os movimentos. Bosco olha-a, esgazeado. Jussara acelera, ainda mais, os movimentos e geme. Uma excitação violenta toma conta de Bosco e ele treme, e balbucia palavras incompreensíveis. À medida que aumenta o tremor de Bosco, dos seios de Jussara começa saindo um líquido prateado, que esguicha e bate na cara de Bosco. Quando explode o orgasmo de Jussara, Jussara e Bosco gritam. Neste momento, a porta abre e entra Antônio, que agarra Bosco com violência. Exatamente como fez a figura que apareceu na parede, na seqüência 40.*

### **83 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.**

*Jofre, ao ver o sangue escorrendo da testa de Chicão, quer fugir. Mas vê Preto olhando para ele e continua servindo. Corta para Carioca, Preto, Nilo e Chicão. Preto obriga Chicão a levantar-se. Carioca faz o mesmo com Nilo.*

CARIOCA  
- Agora, a gente vai embora...  
NILO (*Gaguejando*)  
- E... e... e...  
PRETO  
- Gagueja, não, caralho! (*A Carioca.*) Apaga ele.  
Num vamo dar bandeira, não!  
CARIOCA (*A Nilo*)  
- Tu viu? Se abrir o bico, ó... (*A Preto.*) Vamo.

*Começam andando. Nilo na frente e Carioca encostado nele. Atrás, Chicão, e Preto, também encostado nele. Na zoeira do ambiente, ninguém repara neles. Param junto da porta.*

NILO

- Pelas santas almas do céu...

PRETO (*A Carioca*)

- Apaga ele, porra! Vai foder a gente.

NILO (*Continuando*)

- ... eu juro que não digo nada, não, Seu Carioca.

*Preto, de repente, dá um tiro e acerta a perna de Nilo. Nilo cai no chão, gritando.*

PRETO

- Agora, tu num diz mesmo, caralho!

*O bar vira um tumulto, com o tiro. Jofre cai no chão, gritando.*

JOFRE

- Eu tô morto! Eu tô morto!

CARIOCA (*A Jofre*)

- Cala a boca, porra!

*Carioca dá um tiro para o ar e todos se calam.*

CARIOCA (*Gritando*)

- Todo mundo aí, caralho! Se vacilar...

*Todos olham Carioca, assustados.*

CARIOCA (*A Chicão, sorrindo, debochado*)

- Agora, nós vamo acertar as nossas contas, bom amigo!

#### **84 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Carioca sai do Bar do Campo, seguido de Chicão e de Preto. Entram no corcel. Preto atrás, com Chicão, e Carioca dirigindo. Carioca liga o motor e o corcel arranca, cantando pneu.*

#### **85 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo e Helena caminham de mãos dadas, continuando o clima da seqüência 73. Cruzam com Laurentina e Jussara e, pouco depois, com Janaína e Marilene, e, mais adiante, com Prisciliana e Geralda. Mas, como aconteceu nas seqüências anteriores, nenhuma delas parece ver Helena.*

#### **86 - ADRO DOS PROFETAS. EXTERIOR. NOITE.**

*Eduardo e Helena entram no adro e param no patamar das escadas que descem para o Largo dos Passos da Via-sacra.*

EDUARDO

- Eu te quero, Helena! Te quero muito!

HELENA

- Se você me quisesse, mesmo, Eduardo, já teria me encontrado.

EDUARDO

- Mas eu te encontrei!

HELENA

- Não. Você não me encontrou. Eu (*frisa a palavra eu*) é que te encontrei.  
EDUARDO (*Carinhoso*)  
- E me prendeu.  
HELENA  
- Não. Eu não te prendi.  
EDUARDO (*Mesmo tom*)  
- Eu não

HELENA  
- Quem é preso, asfixia, Eduardo. Só quem se prende acaba solto.

*Eduardo abraça Helena.*

EDUARDO  
- Mas eu te amo, Helena!  
HELENA (*Suave*)  
- Então, não me prende.

*Eduardo olha Helena, confuso, e deixa cair os braços.*

HELENA (*Sorrindo*)  
- Deixa que eu me prenda.

*Helena abraça Eduardo e beija-o. É um beijo de entrega total. A câmera faz um giro em volta dos dois e fixa-se na estátua do Profeta Abdias, apontando o dedo para o céu.*

## **87 - CASA COLONIAL. SALA PRINCIPAL. INTERIOR. NOITE.**

*Maria Germana diverte-se no meio de um grupo. Ulysses aproxima-se, hesitante.*

ULYSSES  
- Escuta...

*Maria Germana pára de dançar e olha Ulysses, rindo.*

MARIA GERMANA  
- Quem é você? (*Cínica.*) A litania mal cantada, que não tem colo?  
ULYSSES  
- Maria Germana, por favor...  
MARIA GERMANA (*Continuando*)  
- Como é mesmo? Ah! Em arte, quem não sabe, ensina. Quem sabe, faz.

*Maria Germana olha à volta e, com um gesto largo, mostra o ambiente.*

MARIA GERMANA (*Sorrindo, sarcástica*)  
- Como você pode ver, aqui todo mundo é artista. Todo mundo faz.  
ULYSSES (*Implorando*)  
- Por favor.  
MARIA GERMANA (*Com força*)  
- Deixa de ser criança, Ulysses!

*Ulysses puxa Maria Germana por um braço, com força.*

ULYSSES  
- Maria Germana!  
MARIA GERMANA  
- Quê que você quer? Outra foda?

*Maria Germana, num gesto brusco, solta-se.*

MARIA GERMANA  
- Colo, eu não tenho.  
ULYSSES (*Vencido*)  
- Maria Germana, escuta...  
MARIA GERMANA (*Seca*)  
- Eu já dei que podia dar. Talvez dê de novo, se  
você for a São Paulo. Agora...  
ULYSSES (*Vencido*)  
- Mas você me...  
MARIA GERMANA (*Cortando*)  
- Ulysses, criança é minha filha. Ela é que ainda  
precisa de colo, tá?

*Maria Germana afasta-se de Ulysses.*

MARIA GERMANA  
- Tchau. Apareça por São Paulo e talvez eu  
repita a dose, ok?

*Ulysses fica parado, imóvel, confuso com aquela inversão de comportamento.*

## **88 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*O corcel de Carioca e Preto em alta velocidade, os faróis varrendo a escuridão.*

## **89 - CORCEL. INTERIOR. NOITE.**

*Close do rosto de Carioca, dirigindo, tenso, mas, satisfeito. Na banco traseiro, os rostos de Preto e Chicão, imersos na penumbra.*

## **90 - COLONIAL HOTEL. INTERIOR. NOITE.**

*Eduardo e Helena entram, de mão dadas, e dirigem-se à Recepção. Eduardo usa a mesma roupa da seqüência 86. O Recepcionista age como se não visse Helena.*

RECEPCIONISTA  
- Boa noite, Dr. Eduardo.  
EDUARDO  
- Boa noite. O 6, por favor.  
RECEPCIONISTA  
- Tem um recado pro senhor.  
EDUARDO  
- De quem?  
RECEPCIONISTA  
- Do Dr. Fábio.

*O Recepcionista entrega a chave e o recado a Eduardo.*

HELENA (*A Eduardo, ao mesmo tempo*)  
- Quem?  
EDUARDO (*Com indiferença*)  
- Um engenheiro aí.  
RECEPCIONISTA (*Ao mesmo tempo*)

- E ele também pediu que...

*Eduardo guarda o recado no bolso, sem ler, e pega a chave.*

EDUARDO (*Cortando*)

- Boa noite.

RECEPCIONISTA

- Mas, Dr. Eduardo...

*Eduardo não responde. Pega a mão de Helena e ambos se afastam em direção às escadas. O Recepcionista encolhe os ombros e faz um trejeito de desdém com os lábios.*

## 91 - CASA COLONIAL. INTERIOR. NOITE.

*A festa continua, cada vez mais animada e frenética. Ulysses, parado junto do vão de uma janela, ainda confuso, como no final da seqüência 87, olha Maria Germana, dançando no meio de um grupo. Ulysses sente-se, mais do que nunca, um estrangeiro. Mas, apesar disso, ainda se nota no seu olhar, permeado pelo desespero e pela angústia, uma réstea de esperança. E é essa esperança que o obriga, ainda que irracionalmente, ele sabe, a permanecer naquela festa. Uma Drag Queen, espalhafatosa, aproxima-se de Ulysses, com grandes gestos afetados.*

DRAG QUEEN

- Mas tão sozinho, amor?!? Vem comigo! Ah, vem, eu dou tudo que você quiser!

*Tenta agarrar Ulysses, mas tropeça na roda do vestido e quase cai. Ulysses afasta-se, o rosto crispado, denotando não só espanto mas, também, e muito marcadamente, o arrependimento de estar ali, naquele momento. Sem saber o que fazer, mas ainda agarrado àquela réstea de esperança, àquele desejo de que Maria Germana se arrependa e volte para ele, Ulysses começa andando pela casa. A câmera acompanha-o. Sem destino, Ulysses entra num corredor. Um pouco à frente, um jovem, gay, nu, chorando, esmurra uma porta.*

GAY 1

- Eu me mato, viu!? Eu me mato!

*A porta abre-se e aparece outro gay, mais velho, também nu.*

GAY 2

- Pode matar! Mata mesmo!

*Ulysses passa e escuta-se o barulho da porta, batida com força. Ulysses aproxima-se de um vão que parece ser a porta de um banheiro. Pára, como avaliando a necessidade de urinar, e abre a porta. A porta range. Ulysses vai entrar, mas pára. A câmera segue o olhar de Ulysses. Uma mulher com ar de total indiferença, debruçada na pia e vestida, deixa-se enrabar por um homem. O homem volta-se, sem parar os movimentos. A mulher continua indiferente.*

HOMEM

- Quê que há? Nunca viu, não, porra!?!

*Ulysses fecha a porta, num gesto rápido. Uma moça nua passa junto dele, correndo, e arrasta-o. Pegado de surpresa, Ulysses deixa-se levar. A moça abre uma porta e empurra Ulysses para dentro de um quarto. Diversas mulheres e homens, todos nus e sentados à volta de uma mesa-de-cabeceira, cheiram cocaína. No vão da janela, duas mulheres atacam-se e gemem alto. A moça mostra, com um gesto triunfante, um saquinho plástico cheio de pó. Um homem*

*pega o saquinho e despeja-o no tampo da mesa-de-cabeceira. Ao mesmo tempo, a moça aponta Ulysses.*

**MOÇA DROGADA (Gritando)**  
- Gente! Peguei um marciano!

*Todos olham Ulysses, menos as lésbicas, e uma mulher tenta levantar-se.*

**MULHER DROGADA**  
- Me dá ele! Eu quero ele!

*A mulher não consegue levantar-se e cai por cima da mesa-de-cabeceira, espalhando as carreiras de pó. Tumulto. Todos gritam e tentam aproveitar o pó espalhado no chão. Ulysses sai do quarto e entra em outro corredor, com diversas janelas e uma porta no fundo. Ulysses pára junto de uma das janelas e olha para fora. A escuridão é total e no vidro apenas se reflete o rosto de Ulysses, pontilhado pelo brilho distante das estrelas. Ulysses tenta abrir a janela, mas não consegue. Fica imóvel durante alguns instantes e, voltando-se, olha a porta, no fundo. O barulho da festa, amortecido pela distância, é bem menor. Ulysses começa andando, pára junto da porta, volta-se e olha o corredor, e, de repente, como que tomado por uma resolução súbita, abre a porta, num gesto brusco. A câmara segue o olhar de Ulysses. A primeira imagem que Ulysses vê é a si mesmo, refletido num espelho que cobre a parede fronteira, entre duas janelas, onde estão escritas, com batom, algumas palavras. Vinda de dentro do quarto, escuta-se uma voz monocórdica entoar o que parece ser uma ladainha ou um poema. Ulysses, parado na porta, fixa os olhos nas palavras escritas no espelho.*

## **ODE METAMARÍTIMA**

**NAVEGAR ONDE?  
EU NÃO SEI NAVEGAR, MERDA!**

*A assinatura é apenas um rabisco ilegível. Ulysses sorri e, pela primeira vez, parece descontraír-se. Ao mesmo tempo, a voz torna-se mais audível, embora ainda não se compreendam as palavras. Ulysses entra no quarto, sem fechar a porta. Sentada na cama, embrulhada num lençol, completamente imóvel e absorta, como se estivesse drogada ou em êxtase, uma mulher declama um poema. Ulysses aproxima-se e as palavras tornam-se compreensíveis.*

**DECLAMADORA**  
- O Tejo é mais belo que o rio que corre pela  
minha aldeia,  
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre  
pela minha aldeia  
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha  
aldeia.

*A Declamadora faz uma pausa, como se tentasse lembrar-se do resto do poema. Fica calada algum tempo e, de repente, ri. Corta para Ulysses, olhando a Declamadora, não só espantado, mas também fascinado. Corta para a Declamadora, que pára de rir e continua o poema.*

**DECLAMADORA**  
- Ninguém nunca pensou no que há para além  
Do rio da minha aldeia.  
O Rio da minha aldeia não faz pensar em nada.  
Quem está ao pé dele, está só ao pé dele. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> **Fernando Pessoa** (O GUARDADOR DE REBANHOS, Alberto Caieiro)

*Como que exausta pelo esforço, a Declamadora cala-se e deixa-se cair na cama. O lençol abre e vê-se que está nua. Ulysses aproxima-se, mas a Declamadora não o olha, nem se mexe. Ulysses ajeita-lhe o lençol sobre o corpo e olha o quarto. Numa das paredes, portas de vidro, fechadas, deixam ver uma varanda, lá fora. Ulysses começa andando. Ao passar pelo espelho, Ulysses pára e lê, mais uma vez, as palavras escritas e, vagarosamente, dirige-se para as portas de vidro.*

## **92 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*O corcel de Carioca e Preto pára na frente de uma casa, no subúrbio. Ruídos noturnos característicos.*

## **93 - CORCEL. INTERIOR. NOITE.**

*Preto cutuca o ombro de Carioca.*

PRETO

- Mas que porra...

CHICÃO

- Se eu num for, vai ser pior. Marlene toca pro meu sogro, e já viu.

PRETO

- Tu tá pensando que ainda manda, caralho?!

CARIOCA (*A Preto*)

- Cala a boca, porra! (*A Chicão.*) Num arruma, não, caralho! Se arrumar... Lembra do cu da Mary Gold? (*A Preto.*) Vamo.

## **94 - CASA COLONIAL. VARANDA. EXTERIOR. NOITE.**

*Através das portas de vidro vê-se Ulysses caminhar em direção à varanda, continuando a seqüência 91. Ulysses abre as portas, entra na varanda, e fecha-as. Encosta-se no parapeito e olha as estrelas brilhando na escuridão. Uma claridade tênue sobe do jardim. Uma mulher nua passa, correndo, entre os canteiros. Vê Ulysses na varanda e pára.*

MULHER NUA (*Gritando e acenando*)

- Oi! Vem práqui!

*Ulysses não responde, nem se mexe, e a mulher corre e some da vista.*

## **95 - RUA. EXTERIOR. NOITE.**

*Bosco anda pela rua, devagar.*

VOZ DE BOSCO

- Se eu tivesse um filho, eu queria que ele me matasse. Mesmo que ele não quisesse!

*Diversas pessoas cruzam com Bosco. Bosco evita olhá-las. Quando as olha, mesmo furtivamente, as pernas começam a distender-se e os passos ficam lentos, e elas parecem flutuar.*

## **96 - BAR DO CAMPO. EXTERIOR. NOITE.**

*Bosco aproxima-se da porta.*

VOZ DE BOSCO

- Não vou pensar. Não tenho mais o que dizer.

*Bosco pára na porta, hesita, e continua andando.*

### **97 - IGREJA DE SÃO JOSÉ. EXTERIOR. NOITE.**

*Bosco vem andando pelo meio da rua.*

VOZ DE BOSCO

- Um quarto, um parto, uma dor. É muito melhor não ser sério. Chega de lamber sapatos!

*Junto da porta fechada da igreja, caída no chão, uma pedra verde brilha intensamente. Bosco pára, olha a pedra, apanha-a e mete-a no bolso, e sai correndo.*

### **98 - COLONIAL HOTEL. APARTAMENTO DE EDUARDO. INTERIOR. NOITE.**

*Eduardo e Helena abraçam-se e beijam-se. Depois, Helena afasta Eduardo e começa a despir-se. Devagar, com gestos bem marcados, como se estivesse realizando um ritual de sagração. Reclinado na cama, Eduardo observa Helena, extasiado. A seqüência é muda, apenas marcada pela música.*

### **99 - BAR DO CAMPO. INTERIOR. NOITE.**

*O bar já tem algumas mesas vazias, mas continua mostrando os efeitos do tumulto. Mesas e cadeiras fora do lugar, garrafas e copos caídos pelo chão. Alguns fregueses ainda comentam os tiros.*

HOMEM 1

- Viu que trem danado, sô?

HOMEM 2

- Pareceu até obra do capeta.

MULHER 1

- Coitado de Seu Nilo.

MULHER 2

- Vai ver, também tava metido. Conheço ele, ó... Num lembra de Celinha, não?

MULHER 1

- Foi um cu-de-boi!

*Bosco entra e senta-se. Jofre aproxima-se.*

BOSCO

- Gim.

*Jofre olha Bosco e reconhece-o.*

JOFRE (*Seco*)

- Só tem Seagers.

*Bosco não responde e Jofre afasta-se.*

VOZ DE MARCOS

- Jofre!

VOZ DE BOSCO (*Ao mesmo tempo*)

- Notícia: garrafa sideral, expandida no infinito, abriga-se da chuva e morre sufocada.

*Corta para Marcos, Silviano. Jofre aproxima-se.*



JOFRE

- Sim, Dr. Marcos?

MARCOS

- Só me avisaram agora. Cadê o delegado?

JOFRE

- Não sei, não, senhor.

MARCOS *(A Silvano)*

- Você vê? Que merda de...

JOFRE *(Continuando)*

- Quando eu fui levar Seu Nilo no hospital, falaram que Dr. Tadeu tava fora.

MARCOS

- Comendo alguma zinha por aí, só pode.

JOFRE

- Diz que tava lá prá bandas da cachoeira.

MARCOS *(A Silvano)*

- Tá vendo?

JOFRE *(Continuando)*

- Diz que um vagabundo correu atrás da filha de Seu Antônio, e do namorado dela, aquele da Açominas...

*Corta para Bosco, mexendo-se na cadeira, nervoso com o que escuta. Mete e tira a mão do bolso, apalpando a pedra verde. Corta para Marcos, Silvano e Jofre.*

MARCOS *(A Silvano)*

- Vamos? Alguém tem que fazer alguma coisa, puta que pariu!

*Marcos e Silvano saem. Corta para Bosco. Bosco tira a pedra verde do bolso. Embora mantenha a mão fechada, nota-se a luz verde brilhar por entre os dedos. Bosco olha, fixamente, a luz verde, saindo por entre os dedos.*

VOZ DE BOSCO

- Ninguém pode fazer nada. Os substantivos é que quebram os silêncios.

## **100 - COLONIAL HOTEL. APARTAMENTO DE EDUARDO. INTERIOR. NOITE.**

*Eduardo e Helena, nus, iniciam um ato de amor/paixão. Este ato é mudo, apenas marcado pela música e comandado por Helena. E é, também, lenta e graficamente, explorado pela câmera.*

## **101 - CASA DE CHICÃO. SALA. INTERIOR. NOITE.**

*Móveis típicos de casa de subúrbio. Sentada no sofá, Marlene, vestindo uma camisola de noite, assiste televisão junto com o filho, Dudu. A porta abre, de repente, e entra Preto, seguido de Chicão e Carioca.*

DUDU

- Papai...

*Marlene olha os três homens e encolhe-se no sofá, assustada. Preto sorri, debochado, ao ver o medo estampado no rosto de Marlene.*

PRETO

- Assusta, não.

CHICÃO (*Ao mesmo tempo*)

- Marlene...

MARLENE

- Francis...

CHICÃO (*Ao mesmo tempo*)

- Assusta, não. Tá tudo bem.

*Chicão olha Carioca e, depois, olha Marlene.*

CHICÃO

- São amigos lá do Rio.

*Marlene nota o sangue na testa de Chicão.*

MARLENE

- Francis...

CHICÃO (*Cortando, ao notar o olhar de Marlene*)

- Foi nada, não. Coisa à toa. Bati na quina da mesa, lá no bar.

*Preto não tira os olhos de Marlene. Chicão nota, mas faz de conta que não vê.*

CHICÃO

- Cadê o álcool?

*Marlene, surpresa, olha Chicão.*

MARLENE

- O ál...

*Chicão, num gesto rápido, aponta o ferimento na testa.*

CHICÃO

- Pra...

*Marilene, sem entender o significado do gesto de Chicão, faz menção de se levantar.*

MARLENE

- Tá na...

CHICÃO (*Rápido*)

- Deixa. Deixa, que eu pego.

*Chicão olha Carioca, abre a porta do quarto e entra. Carioca segue-o. Preto não se mexe, os olhos fixos na camisola de Marlene.*

PRETO

- Fodão!

*Dudu olha Preto e abraça-se na mãe.*

## **102 - CASA DE CHICÃO. QUARTO. INTERIOR. NOITE.**

*Chicão abre o guarda-roupa. Carioca, encostado na porta, observa. Encoberto pela porta do guarda-roupa, Chicão pega um revólver. Close do revólver sendo*

*escondido na cintura. Carioca não percebe. Chicão pega um frasco e fecha o armário. Diante do espelho, embebe o lenço e passa no ferimento, o rosto contraído pela dor. Close do rosto de Carioca, sorrindo.*

### **103 - CASA DE CHICÃO. SALA. INTERIOR. NOITE.**

*Chicão entra, seguido de Carioca. Marlene olha Chicão, aterrorizada.*

CHICÃO (*A Marlene, sorrindo*)  
- Preocupa, não. Tá tudo bem.

*Preto continua olhando Marlene e sorrindo, debochado.*

CHICÃO (*Continuando*)  
- Nós só vamo dar uma saída. Preocupa, não.

DUDU  
- Papai...

CHICÃO  
- Preocupa, não, filhote. Papai volta já, já.

*Dudu corre para Chicão e ele abraça-o e beija-o.*

CHICÃO  
- Tchau, filho.

*Marlene levanta-se e Chicão abraça-a.*

CHICÃO  
- Preocupa, não. Já, já, eu tô de volta.

*Marlene senta-se no sofá. Preto aproxima-se e debruça-se sobre Marlene. Marlene encolhe-se. Preto encosta a boca no ouvido dela e passa-lhe as mãos nos seios. Não se escuta, mas percebe-se que Preto repete a palavra Fodão. Marlene olha Chicão. Mas Chicão não diz, nem faz nada. Carioca puxa Preto por um braço, com força.*

CARIOCA  
- Que porra, caralho!

*Preto ri e olha Chicão. Depois, abre a porta e sai. Chicão segue Preto, com Carioca atrás dele.*

### **104 - RODOVIA 040. EXTERIOR. NOITE.**

*O corcel de Carioca e Preto em alta velocidade, os faróis varrendo a escuridão e iluminando uma tabuleta: RIO DE JANEIRO.*

### **105 - CORCEL. INTERIOR. NOITE.**

*Preto e Chicão no assento traseiro, e Carioca dirigindo.*

PRETO  
- Meu irmão.

*Carioca não responde.*

PRETO (*Debochado*)  
- Será que, depois da gente entregar o presunto, eu posso voltar e dar uma mordida no cangote da mina aqui do falecido? Hem?

*Carioca continua calado.*

PRETO (*A Chicão*)

- Tu deixa? (*Ri.*) Aquele cangote me tesou!  
Tesou mesmo!

*Chicão não responde.*

PRETO

- Hem, xumbrega?! Tu deixa ou num deixa,  
caralho?!

*Close do rosto de Chicão, sorrindo, enigmático. A câmera desce pelo corpo de Chicão. Close da mão de Chicão, acariciando o revólver, na cintura.*

CHICÃO (*Abrindo o sorriso*)

- Se tu puder...

### **106 - RODOVIA 040. EXTERIOR. NOITE.**

*Plano geral do corcel de Carioca e Preto, sumindo na escuridão.*

### **107 - COLONIAL HOTEL. INTERIOR. MADRUGADA.**

*Eduardo e Helena, de mãos dadas, descem as escadas e dirigem-se para a Recepção. Eduardo usa a mesma roupa da seqüência 98. O Recepcionista, sentado numa cadeira atrás do balcão, cochila. Eduardo dá duas palmadas leves no balcão.*

EDUARDO

- Meu amigo.

*O Recepcionista acorda, estremunhado, e age como se não visse Helena.*

RECEPCIONISTA

- Sim?

EDUARDO

- Fecha a minha conta.

*O Recepcionista espanta-se, ao reconhecer Eduardo.*

RECEPCIONISTA

- Mas, Dr. Eduardo...

EDUARDO

- Apartamento 6, por favor.

RECEPCIONISTA (*Continuando*)

- ... a esta hora, eu não vou ter nem táxi pro senhor.

*Eduardo olha Helena e ambos sorriem*

EDUARDO (*Ao Recepcionista*)

- E quem lhe disse que eu preciso de táxi?

RECEPCIONISTA

- Mas, Dr. Eduardo... O senhor não gostou do  
nosso hotel, não?

EDUARDO

- Ao contrário. O seu hotel é ótimo.

RECEPCIONISTA

- Mas, então, quê que eu digo pro Dr. Fábio?

*Eduardo encolhe os ombros, sem responder.*

RECEPCIONISTA (*Continuando*)

- Ele fez tanta recomendação. Falou tanto que...

EDUARDO (*Cortando*)

- Não diga nada.

RECEPCIONISTA

- Mas, Dr. Eduar...

EDUARDO (*Cortando, incisivo*)

- Esqueça. O Dr. Fábio nunca vai lhe perguntar.

*Helena dirige-se para a porta. O Recepcionista tira a conta e apresenta-a. Eduardo paga em dinheiro. O Recepcionista faz o troco, Eduardo recusa-o com um gesto, e ele guarda-o.*

RECEPCIONISTA

- Muito obrigado, Dr. Eduardo. É uma boa viagem.

### **108 - IGREJA DE SÃO JOSÉ. EXTERIOR. MADRUGADA.**

*Bosco, parado, olha, fixamente, a porta fechada. De repente, num gesto brusco, mete a mão no bolso, pega a pedra verde e olha o punho cerrado. Close do rosto crispado, iluminado pela luz da pedra.*

VOZ DE BOSCO

- Não vou mais querer!

*Bosco sai correndo, pelo meio da rua.*

VOZ DE BOSCO

- Mas tenho que querer! Os substantivos é que quebram os silêncios!

*A câmara acompanha a corrida de Bosco, enquanto a sua voz se expande, como um eco.*

### **109 - COLONIAL HOTEL. INTERIOR. MADRUGADA.**

*Eduardo dirige-se para a porta. Helena sai para a rua. Após alguns instantes, o Recepcionista nota que Eduardo saiu sem a bagagem e corre atrás dele.*

RECEPCIONISTA (*Gritando*)

- Dr. Eduardo! Dr. Eduardo!

### **110 - RUA. EXTERIOR. MADRUGADA.**

*Plano geral de Eduardo e Helena, de costas, abraçados, andando. O Recepcionista aparece, ofegante.*

RECEPCIONISTA (*Gritando*)

- Dr. Eduardo! O senhor esqueceu a bagagem!

*Eduardo volta-se.*

EDUARDO (*Sorrindo*)

- E quem lhe disse que eu preciso de bagagem?

*Eduardo abraça Helena e ambos continuam andando, abraçados, até desaparecem na escuridão total.*

#### **111 - CASA COLONIAL. VARANDA. EXTERIOR. DIA.**

*Ulysses acorda deitado no chão, vestido. Estonteado, abre e fecha os olhos, passa as mãos no rosto e olha à volta, como se procurasse recordar onde está. Fica assim algum tempo e levanta-se, resmungando um palavrão. Amparando-se no parapeito, olha o jardim, deserto, batido pelo sol. Volta-se e olha o interior do quarto, através das portas de vidro. A câmara segue o olhar de Ulysses. O quarto está vazio. Ulysses encosta-se no parapeito e olha, alternadamente, o interior do quarto e o jardim. De repente, abana a cabeça com força e dá uma palmada no parapeito.*

ULYSSES

- Eu sou um idiota!

#### **112 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*Ulysses sai do portão da casa colonial, que parece sem ninguém. Pára na calçada e olha a rua, deserta, à sua frente. A câmara segue o olhar de Ulysses até o fim da rua. Um carro aparece na esquina, vindo na direção de Ulysses. Ulysses continua imóvel. O carro aproxima-se, abrandando a marcha e pára. A câmara enquadra o carro pelo lado do carona.*

VOZ DE MULHER

- Perdido, é?

*Ulysses não se mexe, nem responde.*

#### **113 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*A câmara enquadra o carro pelo lado da motorista. Uma mulher desconhecida está debruçada na janela. Close do rosto. É a mesma artista que faz Helena. Mas usando outro figurino e apresentando outro visual.*

MULHER DESCONHECIDA

- Perdido ou...

*A Mulher Desconhecida olha a casa colonial durante alguns instantes, depois olha Ulysses e sorri.*

MULHER DESCONHECIDA

- Carona?

*Ulysses encolhe os ombros, sem responder.*

MULHER DESCONHECIDA

- Pra onde?

ULYSSES (*Indiferente*)

- Qualquer lugar.

MULHER DESCONHECIDA (*Rindo*)

- Jóia!

*A Mulher Desconhecida abre a porta do lado do carona. Ulysses desce da calçada e entra no carro.*

#### **114 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*O carro da Mulher Desconhecida arranca, cantando pneu.*

**115 - CARRO. INTERIOR. DIA.**

*Ulysses, calado e rígido no assento, olha a rua através do pára-brisa.*

MULHER DESCONHECIDA (*Irônica*)  
- Assustado?

*Ulysses não responde.*

MULHER DESCONHECIDA  
- Parece.

*Ulysses continua calado. A Mulher Desconhecida ri.*

MULHER DESCONHECIDA  
- Medo de correr ou...

*Ulysses olha a Mulher Desconhecida, ainda sem responder.*

MULHER DESCONHECIDA (*Rindo*)  
- Tô vendo que é ou mesmo.

*Ulysses continua olhando a Mulher Desconhecida, sempre calado.*

MULHER DESCONHECIDA  
- Mas não se preocupe. Todo mundo é ou. Pelo menos, uma vez na vida.

ULYSSES (*Como se pensasse em voz alta*)

- A merda é que eu fui sempre.

MULHER DESCONHECIDA (*Rindo*)

- Tá melhorando.

ULYSSES (*Alheio*)

- O quê?

MULHER DESCONHECIDA

- Você.

ULYSSES (*Ainda alheio*)

- Melhorando?

MULHER DESCONHECIDA

- Não tá, não? Pra um ou, que aceita uma carona e me diz, qualquer lugar, só pode tar melhorando.

*Ulysses ri.*

MULHER DESCONHECIDA  
- Tá vendo como tá melhorando?

ULYSSES

- Se fosse assim tão fácil...

MULHER DESCONHECIDA

- É sempre fácil. A gente é que pensa que é difícil.

*Ulysses não responde.*

MULHER DESCONHECIDA  
- E sabe por quê? Porque, o difícil, é a gente aceitar que é fácil. Um sujeito como você, assim circunspecto, sempre preocupado com opiniões,

encharcado de valores e de certezas, de repente,  
olha prá frente e quê que vê? Nada. *(Incisiva.)*  
Mostre seu pé!  
ULYSSES *(Com espanto)*  
- Como você sabe...  
MULHER DESCONHECIDA  
- Mostre seu pé.  
ULYSSES  
- Mas como é que você sabe que eu sou assim?  
MULHER DESCONHECIDA *(Incisiva)*  
- Mostre!

*Ulysses, meio sem jeito, levanta o pé direito. A Mulher Desconhecida ri.*

MULHER DESCONHECIDA  
- Tá vendo como é redondo?

*Ulysses, rápido, esconde o pé.*

MULHER DESCONHECIDA  
- De tanto você andar à volta, o seu pé virou um círculo. Quer ver o meu?

*A Mulher Desconhecida mostra o pé direito a Ulysses.*

MULHER DESCONHECIDA  
- Tá vendo? Reto, reto. Por isso, você acha que é difícil. De tanto andar à volta, você já nem sabe botar um pé na frente do outro.  
ULYSSES *(Com um certo azedume)*  
- E você nunca andou à volta, não?  
MULHER DESCONHECIDA  
- Claro! Quem não anda? Mas não deixo arredondar. Quando começa entortando, vupt! Pulo a cerca e, ó... Por quê que você também não pula, hem?  
ULYSSES  
- Pular o quê?  
MULHER DESCONHECIDA *(Rindo)*  
- A cerca do que você é.  
ULYSSES *(Amargo)*  
- Eu já não sou mais nada.

*A Mulher Desconhecida olha Ulysses, como que avaliando tudo que foi dito.*

MULHER DESCONHECIDA  
- Se não é mais nada, então tá esperando o quê?  
Morrer?

#### **116 - RUA. EXTERIOR. DIA.**

*Bosco corre pela rua, arfando, aos tropeções. Close da mão fechada. Nota-se a luz verde brilhar por entre os dedos crispados.*

VOZ DE BOSCO  
- Eu quero! Eu quero! Eu sou substantivo!

#### **117 - RUA. EXTERIOR. DIA.**



*O carro da Mulher Desconhecida aproxima-se do Trevo de Congonhas, em direção à Rodovia 040. Ao passar pela estátua do Profeta Habacuc, quebrada pelos tiros de Preto, vê-se a cabeça de Ulysses aparecer na janela. Close do rosto. Ulysses ri, olhando a estátua.*

**118 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*O carro da Mulher Desconhecida entra na rodovia e segue.*

**119 - CARRO. INTERIOR. DIA.**

*Ulysses fuma, recostado no assento. A Mulher Desconhecida olha-o e sorri.*

MULHER DESCONHECIDA

- Pra onde você disse que ia mesmo?

ULYSSES (*Sorrindo*)

- Qualquer lugar. Eu já não lhe disse?

MULHER DESCONHECIDA

- Eu não tinha escutado bem.

ULYSSES

- E, agora? Escutou?

MULHER DESCONHECIDA

- Agora, escutei.

*A Mulher Desconhecida olha Ulysses, dá-lhe uma palmada no joelho e ri.*

MULHER DESCONHECIDA

- E você também escutou.

*Ulysses joga o cigarro pela janela, ajeita-se no assento, e fecha os olhos, sorrindo.*

ULYSSES

- E como escutei!

**120 - RODOVIA 040. EXTERIOR. DIA.**

*Plano geral do carro da Mulher Desconhecida, sumindo na estrada. Ao fundo uma tabuleta. A mesma da seqüência 104. Quando o carro se aproxima, lê-se: RIO DE JANEIRO.*

**121 - CASA DE BOSCO. SALA. INTERIOR. MANHÃ.**

*A família está tomando o café da manhã. Antônio, Geralda, Jussara e Fábio. Antônio é o único que não participa da conversa. A câmera aproxima-se e a conversa fica audível.*

FÁBIO

- Mas, viu, mamãe? Se a senhora não me diz que Bosco falou na cachoeira...

JUSSARA

- Bosco foi na cachoeira ontem?

GERALDA

- Foi. Eu bem que lhe disse pra não ir, mas ele...

FÁBIO

- Bosco tá ruim mesmo, Jussara. Você sabe o quê que ele falou, quando eu disse pra ele vir, que mamãe tava esperando?

*Jussara olha Fábio, agressiva. Fábio faz de conta que não nota o olhar de Jussara.*

FÁBIO (*Continuando*)

- Que não tá nem aí, vê se pode!

GERALDA

- Coitado do meu filho.

*Antônio pára de comer e olha Geralda.*

ANTÔNIO

- Esse vagabundo não tem mais jeito, não. Agora, só botando na cadeia. (*Com força.*) Ou matando!

*Geralda abre a boca, mas não fala. Assustada, aponta o canto da sala, atrás de Antônio e dá um grito.*

GERALDA

- Ai, meu Deus!

*Todos se voltam e olham o canto. Um sapo enorme olha fixamente Antônio. Mas só Geralda consegue vê-lo.*

FÁBIO

- Quê que foi, mamãe?

JUSSARA (*Ao mesmo tempo*)

- Mãe!

*Com gestos de horror, Geralda aponta o canto e grita.*

GERALDA

- Ele tá lá! Ele tá lá!

FÁBIO

- Não tem nada ali, não, mamãe!

GERALDA

- Tem, sim! Eu tô vendo!

JUSSARA

- Mãe...

ANTÔNIO (*Ao mesmo tempo*)

- Também ficou louca, mulher?

*Neste momento, a porta abre, com estrondo, e entra Bosco. Corta para Bosco, entrando. Todos se calam, olhando para ele. Bosco olha um por um, durante algum tempo, e dirige-se para o canto onde está o sapo. Pára junto dele e abre a mão, e a pedra verde brilha intensamente. Geralda tapa o rosto com as mãos, como se a luz a cegasse. Bosco coloca a pedra verde em cima da cabeça do sapo e abre as pernas e os braços, os pés fincados, firmemente, no chão.*

VOZ DE BOSCO (*Gritando, num eco*)

- Pra quem tá no centro da Terra a distância é sempre a mesma!

*Todos vêem o sapo e gritam horrorizados. A pedra brilha cada vez mais e o sapo começa inchando. E, quanto mais a pedra brilha, mais o sapo incha. E incha tanto que, de repente, explode. Do meio da explosão começam aparecendo, desconexas, pequenas e rápidas cenas das narrativas, até que o filme pega fogo e queima, e a tela fica branca.*

